



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA



As especializações produtivas e as cidades locais: o Circuito das Malhas do Sul de Minas Gerais

André Lopes de Souza
Orientador: Márcio Cataia

André Lopes de Souza

As especializações produtivas e as cidades locais: o Circuito das Malhas do Sul de Minas Gerais

Monografia apresentada ao
Departamento de Geografia do
Instituto de Geociências da
Universidade Estadual de
Campinas como requisito
parcial para a obtenção do
título de Bacharel em
Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Márcio
Cataia

Campinas
2012

RESUMO

A emergência da especialização produtiva das malhas retilíneas em Jacutinga e Monte Sião surge num contexto de consolidação do meio técnico-científico, aproveitando-se da antiga produção artesanal e da proximidade com o polo dinâmico de São Paulo. As características específicas desse segmento inviabilizam a entrada de grandes empresas na fabricação, fazendo com que a produção possa acontecer em cidades locais por pequenos e médios produtores. As cidades de Jacutinga e Monte Sião são produzidas a partir do fluxo turístico relacionado a compra das malhas, com o centro e os bairros das cidades tomados por malharias. Os objetos e ações implementados no local são pensados para sustentar a produção de malhas e o fluxo turístico. A demanda externa aos municípios por artigos de malha é sazonal e varia também de ano para ano, de forma que em anos de temperaturas altas o fluxo turístico é reduzido e as cidades entram em crise. Isso evidencia o controle relativo dos produtores sobre sua produção. Nesse contexto, observamos que os produtores podem ser divididos em três níveis, segundo sua capitalização, aparato organizacional e tecnologia empregada: um circuito inferior propriamente dito, um circuito inferior que incorpora mais variáveis modernas e um circuito superior marginal. A esses níveis correspondem capacidades diferentes de organização do espaço, com os dois últimos possuindo mais influência no poder público local. Essa influência é determinante para que as maiores malharias consigam organizar as cidades segundo seus interesses, criando estruturas, como as associações comerciais, que sustentam círculos de cooperação nos quais as informações mais densas em variáveis modernas circulam. Por fim, destacamos que a especialização produtiva é uma forma de integrar as cidades locais numa produção especificamente capitalista. A fase atual dos municípios estudados seria a de articulação externa, na qual a mais-valia se realiza pela via absoluta, ou seja, a exploração do trabalho é determinante para a taxa de lucro. Assim, devemos considerar que apesar de a especialização produtiva gerar um bom padrão de vida para a maioria dos habitantes e PIBs crescentes (algo relativamente pouco comum para cidades locais), a desigualdade de renda entre os produtores, a precariedade do trabalho e a vulnerabilidade dos municípios apontam para uma necessidade de diversificação da produção.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos meus pais pelo apoio constante em toda a minha graduação e em toda a vida. Agradeço também a Tamiris pela paciência, aprendizado e amor nesses longos anos de convivência.

Meus sinceros agradecimentos a meus amigos Nei, Rolver e Robson pela amizade, conversas e cervejas. Igualmente pela generosidade e disposição na leitura do trabalho. Agradeço ao Gustavo pelas colaborações com o trabalho e pela amizade.

Agradeço aos amigos que fiz durante a graduação, em especial Fernando Zanardo, Zinho, Rafael Vázquez, Diego Sapo, Éverton, Anderson (Trança), Anderson Sabino, Jonathas, Fernanda, Kássia, Roberto, Camila, Wagner e Melissa.

Agradeço também aos meus companheiros da A6A, Fernando, Hugo, Joel e Rafael, pela convivência agradável e pelos ensinamentos.

Aos membros atuais e passados do grupo de pesquisa, Mari, Fabrício, Silvana, Rodrigo, Luisinho, Renan, Lívia, Diego e Diogo Negrão. Agradeço em especial a Ana Paula e ao Luciano pelas longas conversas, reflexões, risadas e pela ajuda na consolidação da pesquisa.

Em especial, agradeço ao professor Márcio Cataia pela sabedoria nas orientações e pelas conversas durante o período de pesquisa cujos valores extrapolam os limites desse trabalho.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1 - A especialização produtiva das malhas: emergência e configuração	4
Os meios geográficos e a região	4
<i>O meio natural</i>	5
<i>O meio técnico</i>	7
<i>O meio técnico-científico informacional</i>	10
Setor têxtil e a confecção de malhas pesadas	14
<i>O setor têxtil confecções</i>	17
<i>O Segmento das malhas pesadas</i>	21
O circuito espacial produtivo das malhas pesadas	23
CAPÍTULO 2 - A produção de malhas e as cidades de Jacutinga e Monte Sião	33
A Teoria dos Circuitos da Economia Urbana	33
Os circuitos da economia urbana em Monte Sião e Jacutinga	39
<i>Monte Sião: o shopping a céu aberto</i>	39
<i>A produção de malhas em Jacutinga</i>	45
<i>As variáveis-chave do período e a configuração dos circuitos</i>	
CAPÍTULO 3 - A especialização produtiva e as cidades locais	60
A expansão capitalista para as cidades locais	60
<i>As cidades locais na globalização</i>	63
Cidades locais com especialização produtivas	66
<i>Cidades locais e atividades tradicionais</i>	69
CONSIDERAÇÕES FINAIS	71
BIBLIOGRAFIA	75

LISTA DE FIGURAS

Gráfico 1 - Evolução da população urbana e rural em Jacutinga e Monte Sião	13
Figura 1 - Tecido plano e tecido de malha	16
Figura 2 - Malha por trama e por urdume	16
Tabela 1 - Produção, empregos e empresas na cadeia têxtil confecção	17
Figura 3 - Cadeia têxtil confecção	18
Tabela 2 - Organização do processo produtivo da Hering	21
Figura 4 - Produção de malhas pesadas	25
Mapa 1 - Rodovias no Circuito das Malhas	28
Foto 1 - Ônibus fretados estacionados em rua auxiliar	29
Tabela 3 - Fatores de formação da especialização produtiva das malhas	31
Tabela 4 - Estimativa do número de malharias em Monte Sião	39
Imagem 1 - Centro e arredores de Monte Sião	41
Foto 2 - Estacionamento para ônibus fretados	42
Foto 3 - Ruas de Monte Sião num sábado à tarde	43
Foto 4 - Galeria de comércio	43
Foto 5 - Local de fabricação e venda de uma pequena malharia	44
Tabela 5 - Estimativa do número de malharias de Jacutinga	45
Imagem 2 - Centro de Jacutinga	46
Imagem 3 - Galpões de produção em um bairro de Jacutinga	47
Imagem 4 - Galpões de produção na periferia de Jacutinga	47
Foto 6 - Local de comércio fechado na baixa temporada	48
Foto 7 - Local de fabricação de uma grande empresa	48
Gráfico 2 - Evolução do PIB de Monte Sião e Jacutinga	49
Tabela 6 - Os agentes na especialização produtiva das malhas no Sul de Minas Gerais	56-57
Foto 8 - Vitrine de loja em Monte Sião	58
Figura 5 - Esquema clássico e atual da rede urbana	65
Figura 6 - Instalação e importância das atividades segundo o escalão da rede urbana	66

INTRODUÇÃO

Analisar as cidades locais é de suma importância para entender a urbanização e os movimentos da rede urbana. Apesar de ao todo somarem menos população que as metrópoles e cidades intermediárias, esse escalão da rede conta com o maior número de municípios. Muitas das cidades locais são responsáveis pela organização da produção agropecuária de extensas regiões, podendo ou não contar com indústrias e especializações produtivas.

As cidades locais são menos densas em variáveis modernas e, dessa forma, o estudo da difusão das modernizações na rede urbana é de grande valia para o entendimento da formação socioespacial brasileira. Estas análises nos permitem observar como o território recebe seletivamente os elementos do período atual.

A globalização é marcada pelo fato de que as potencialidades de cada lugar podem ser exploradas pelos agentes capitalistas. É nesse contexto que muitas das cidades locais entram de fato em uma economia capitalista. Uma das estratégias para a inserção é a especialização produtiva, tema de estudo do presente trabalho.

Analisaremos as especializações produtivas em pequenas cidades a partir de um estudo empírico da produção de malhas em Jacutinga e Monte Sião, municípios de cerca de 20 mil habitantes (IBGE, 2010) localizadas no sul de Minas Gerais na divisa com São Paulo. Estes municípios se inserem no Circuito Turístico das Malhas do Sul de Minas Gerais¹.

Existem várias pesquisas que contemplam a região, seja pela ótica geográfica (FUINI 2007, 2008, 2010; BORIN, 2003), seja a da administração de empresas e engenharia de produção (SEVEGNANI & SACOMANO, 2008; SIQUEIRA, ROSA & OLIVEIRA, 2003). Entretanto, muita coisa ainda merece ser feita.

Dentre elas, a proposta de nosso estudo é verificar os nexos entre o circuito espacial produtivo das malhas pesadas e os circuitos da economia urbana, como forma de entender as relações intra urbana e interurbanas engendradas pela produção, que tem como principal característica a aglomeração espacial de pequenos e médios produtores.

1 Institucionalização da Secretaria de Estado do Turismo de Minas Gerais que tem o objetivo de promover o turismo na região.

Esta perspectiva se insere num método que entende o espaço geográfico como sendo formado por “um conjunto indissociável, solidário e contraditório de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como um quadro único no qual a história se dá” (SANTOS, 2002 p.63).

Assim, a proposta é entender o espaço geográfico como variável ativa na produção e reprodução social, analisando tanto o território (as formas) quanto os seus usos.

Os recortes do circuito espacial produtivo e dos dois circuitos da economia urbana nos ajudam a pensar a cidade como uma totalidade produzida através das horizontalidades e verticalidades, além de entender os nexos interurbanos da produção *latu sensu*. Através desses conceitos é possível entender o uso diferenciado do território de acordo com o poder dos agentes envolvidos na produção, distribuição e comércio de malhas, provocando distintas relações interurbanas.

Pesquisar a formação dos circuitos da economia urbana em uma cidade local com uma atividade em que o circuito inferior atua tanto na produção quanto na distribuição e no comércio é de grande importância para entender os movimentos dos agentes não hegemônicos no território. Os desdobramentos de sua produção na rede urbana podem ser analisados através do estudo do circuito espacial produtivo.

Dessa maneira, o objetivo da pesquisa é entender os usos do território pelos agentes produtores distribuidores e comerciantes de malha nos municípios de Jacutinga e Monte Sião.

Para atingir os objetivos propostos, no primeiro capítulo realizamos uma breve exposição sobre a emergência da especialização produtiva, com o intuito de verificar as transformações pelas quais a região passou até que a produção de malhas fosse predominante. Essa periodização seguiu a proposta de Santos & Silveira (2001) e de Borin (2003), tentando estabelecer conexões entre os períodos técnicos, a formação socioespacial brasileira e as manifestações do período na região.

Passamos em seguida para o entendimento da produção de malhas em suas características específicas, tendo em vista que estas condicionam a ação dos envolvidos e o circuito espacial produtivo. O segmento de malhas retilíneas domina

as cidades analisadas e tem características próprias que são essenciais para que a produção possa ocorrer em pequenos municípios.

Ainda no primeiro capítulo, buscamos analisar o circuito espacial produtivo com o intuito de observar como a produção, circulação, troca e consumo das malhas afeta se dá ao longo da rede urbana e mais especificamente como essas etapas se articulam com as cidades estudadas.

No segundo capítulo, procuramos analisar como as empresas usam o território segundo seus diferentes níveis de capital, organização e tecnologia. Para isso, iniciamos com uma breve exposição da Teoria dos Circuitos da Economia Urbana, desenvolvida na década de 1970, e algumas de suas leituras atuais. Em seguida caracterizamos as cidades, para colocarmos como estas são produzidas a partir dos interesses das malharias. Por fim, buscamos distinguir os níveis dos agentes e suas capacidades de organização do espaço.

No terceiro capítulo, tentamos entender como que a produção capitalista avança para as cidades locais com base no caso estudado, tentando evidenciar as consequências da consolidação das especializações produtivas. Concluiremos apontando os principais aspectos e buscando apontar outros rumos para as cidades de Jacutinga e Monte Sião.

CAPÍTULO 1 - A ESPECIALIZAÇÃO PRODUTIVA DAS MALHAS: EMERGÊNCIA E CONFIGURAÇÃO

Introduziremos nossa pesquisa tratando da emergência da especialização produtiva das malhas no sul de Minas Gerais, com o intuito de analisar as condições que a tornaram possíveis bem como as novidades e permanências da história da região e suas influências na atualidade. Posteriormente, discorreremos sobre as características específicas da produção de malhas pesadas, para depois tentar estabelecer os nexos da produção *latu sensu* com o território.

Os meios geográficos e a região

Entender as formas de uso do território ao longo do tempo é de extrema importância para se compreender a atual produção de malhas nas cidades de Jacutinga e Monte Sião. As interações espaciais com as cidades paulistas, que estão no cerne da atividade, foram desenvolvidas historicamente e contribuem decisivamente para a especialização produtiva das malhas durante o período atual, denominado técnico-científico informacional (SANTOS, 2008). Da mesma forma, os objetos e as redes geográficas que antes se vinculavam a produção de café são modernizadas e estão na base de uma nova configuração que permitiu a emergência de uma especialização produtiva. Assim, é necessário que façamos uma breve discussão sobre as transformações históricas da região analisada, com vistas a entender o período atual.

Para orientar nossa análise, recorreremos a periodização adotada por Santos (2002), segundo a qual a história das relações homem natureza se dividiria em *meio natural*, *meio técnico* e *meio técnico-científico-informacional*. Buscaremos explicitar as manifestações dos períodos na região, assim como fez Borin (2003), tentando entender como as transformações na formação socioespacial brasileira se refletiram nos municípios estudados.

Ao utilizar esta proposta com vistas a interpretar o Brasil, Santos & Silveira (2001) teve por objetivo fazer uma periodização que tivesse como ponto de partida o território. Esse recurso de método tem a virtude de reconhecer os processos e as

novidades da história do território. Observa tanto as rugosidades quanto as refuncionalizações, assim como elementos novos que são inseridos, capturando as “divisões do trabalho de idades diferentes que se superpõem, se interpenetram, produzindo uma nova totalidade a cada recorte temporal e espacial” (BORIN, 2003 p. 15)

Entendendo período como segmento homogêneo de tempo (SANTOS 2004, p.33), o autor argumenta que existem variáveis-chave que comandam a organização do sistema de eventos que o compõe. São essas que determinariam sua homogeneidade e, a partir de sua ruptura, entrar-se-ia em um novo período. Tendo esse princípio como base, iremos expor cada um dos períodos em suas variáveis-chave gerais, tanto em suas manifestações na formação socioespacial brasileira quanto na região estudada.

O meio natural

Georges Friedmann (1968, p.32 apud BORIN 2003, p. 8) entende que este meio seria “(...) o conjunto de condições de vida da humanidade ocidental na civilização pré-maquínica, que precedeu as revoluções industriais e, com elas, a aparição de um meio técnico”. Assim, neste período, a técnica de objetos maquínicos ainda não havia sido desenvolvida e incorporada ao território; portanto as condições naturais eram a base material da vida.

A técnica existente era a dos objetos culturais. “(...) a sociedade local era, ao mesmo tempo, criadora das técnicas utilizadas, comandante dos tempos sociais e dos limites de sua utilização” (SANTOS, 2002 p. 236). Assim, os sistemas técnicos não tinham existência autônoma, vinculavam-se e eram comandados pelo lugar.

O corpo do homem era o principal agente transformador do meio. O homem adaptava-se à natureza, impondo-lhe suas regras conforme iam avançando suas técnicas. A reprodução social era guiada pela necessidade, estabelecendo relação harmoniosa com o meio. As localizações econômicas seguiam as necessidades dos produtos e das condições que a natureza impunha.

Assim, gozando de vantagens naturais, o litoral do Nordeste foi ocupado pelos colonizadores com o cultivo de cana-de-açúcar durante os séculos XVI e XVII. Já os mares de morros da porção oeste da Serra da Mantiqueira onde atualmente se

encontram as cidades de Jacutinga e Monte Sião permaneciam habitados por indígenas. Enquanto partes do Brasil adentravam na divisão internacional do trabalho o sul de Minas continuava em seu tempo natural. As ligações internas eram difíceis e praticamente nenhum efeito da atividade canavieira pôde ser sentido na região.

A partir do século XVII o bandeirantismo foi responsável pela expansão do território conhecido dos colonizadores. Em busca de metais preciosos e aprisionamento de índios, foram conhecendo parte do que hoje chamamos de sul de Minas Gerais. Com o descobrimento das minas de metais no século XVIII, a região estudada se tornou ponto de passagem das tropas. Aí se deu, de fato, o início da ocupação colonial dos municípios estudados.

Com a descoberta de ouro em Ouro Fino no ano de 1746 (município que englobava as áreas de Monte Sião e Jacutinga à época), houve um início de ocupação agrícola e pecuária com objetivo de abastecer a população citadina mineradora.

Nessa época, o principal eixo de comunicação do território brasileiro era a Estrada Real, que ligava o Rio de Janeiro a Ouro Preto, a mais importante região aurífera. Entretanto, um outro eixo (decorrente da rota de Fernão Dias e com percurso parecido ao da atual rodovia homônima), ligava o Vale do Paraíba, lugar de produção pecuária, a Ouro Preto. Havia uma outra estrada que partia de Ouro Fino e chegava a este eixo secundário, permitindo que, após o esgotamento das reservas viáveis nesse lugar, pudesse se estruturar uma economia voltada ao abastecimento da região aurífera próspera (IBGE Enciclopédia dos municípios Brasileiros 1959). Assim, a economia se voltou mais fortemente às atividades agropecuárias (BORIN 2003).

Borin (2003, p.12) sintetiza como se configurou o período natural na região:

Num território brasileiro marcado pela descontinuidade de seu uso, o povoamento da região parece estar ligado a um processo mais endógeno de adensamento de uma área de rarefação, onde primeiro imperava a circulação rumo às zonas de densidades voltadas para o exterior, tais como as cidades mineiras. Esse adensamento inicia-se com uma exploração agrícola ainda sem uma expressão econômica de grande escala.

Desta forma, podemos ver que os municípios analisados se situavam na

periferia da região dinâmica e se vinculavam a ela através do fornecimento dos itens de sobrevivência. Os eixos de circulação e a relativa proximidade geométrica permitiam que a região tivesse esse papel. Todavia, o tempo e as técnicas locais predominavam e os vetores externos tinham pouca influência.

O meio técnico

Com a Revolução Industrial começa a difusão de objetos técnicos em grande escala, alterando substancialmente a relação homem natureza. Esses objetos, que funcionam em sistema, têm sua própria lógica (instrumental), conflitante com a lógica natural anteriormente instalada. Os instrumentos vão se incorporando ao espaço, formando verdadeiras próteses territoriais (SANTOS 2002, p.237) fazendo com que o componente material do espaço seja cada vez mais “artificial”.

Com este território maquinizado, as barreiras de distância vão se quebrando e surge uma nova experiência de tempo. Este já não é o tempo da natureza, mas antes o tempo social (op cit). As técnicas locais, frutos da vivência natural, vão perdendo força com a imposição de sistemas técnicos externos. Os novos eixos de circulação permitem um aprofundamento da divisão territorial do trabalho.

Entretanto, essa difusão dos objetos técnicos não se dá de maneira homogênea no território. Se antes os lugares se diferenciavam apenas por sua paisagem natural, no período técnico a distinção entre os lugares se dará conforme a densidade de absorção dos objetos técnicos, como nos dizeres de Santos (op cit p.236)

As áreas, os espaços, as regiões, os países passam a se distinguir em função da extensão e da densidade da substituição, neles, dos objetos naturais e dos objetos culturais, por objetos técnicos.

Assim, apesar dessa difusão em escala nunca antes vista, eram poucos países e regiões em que os objetos técnicos conseguiam obter grande densidade e, mesmo onde isso era feito, ainda não dominavam completamente a lógica do ambiente.

Olhando para a realidade brasileira através dessa nova variável organizadora, Santos & Silveira (2001) enxergam três momentos de manifestação do período: o *arquipélago*, a *mecanização da circulação* e a *integração nacional*.

A ideia de arquipélago faz alusão a situação de poucas ligações entre as zonas produtoras do Brasil (de café, cana, borracha e outras) que, na época, se vinculavam mais ao seu mercado consumidor (que eram os países europeus) do que com outros centros brasileiros importantes. Não havia uma rede urbana propriamente dita em nível de país.

Existiam alguns centros dinâmicos que pouco se comunicavam uns com os outros, mas que, paulatinamente, estreitavam os laços com sua hinterlândia. Jacutinga e Monte Sião vinculavam-se agora a Campinas que, com a expansão do café e das infraestruturas decorrentes, se tornaria um importante centro regional.

Segundo Borin (2003, pag. 16):

Podia-se perceber que à medida que o mercado para a comercialização do café ia aumentando, ampliava-se também a sua área de ocorrência. Essa ampliação, coerentemente com as disponibilidades técnicas, dirigia-se às áreas contíguas àquelas onde já haviam cafezais instalados.

Dessa forma, o café que foi introduzido em meados do século XIX em Campinas, chega na região de estudo no último quarto do século. Entretanto, as infraestruturas ferroviárias e o maquinário são introduzidos somente nas décadas seguintes. Antes disso, o transporte era feito através de muares. De qualquer forma, Borin (op cit) afirma que esse momento marca a chegada de um vetor mundial à região, que passa de uma produção baseada na policultura a uma fundamentalmente estruturada a partir da monocultura de exportação. Nesse momento, a imigração de italianos também passa a influenciar a região, principalmente o município de Monte Sião.

É a consolidação da produção cafeeira que fará a região romper com o arquipélago e iniciar uma mecanização da circulação, que em nível de país se manifestaria no início do século XX. A modernização advinda da instalação de ferrovias gerou novas relações interurbanas e consolidou, de fato, uma rede urbana no estado de São Paulo que levou consigo partes do sul de Minas Gerais.

Com a instalação das estradas de ferro nota-se que a região passa a se vincular mais fortemente com o estado de São Paulo. Apesar de existirem ligações ferroviárias com o Rio de Janeiro, a principal rota de escoamento da produção era pela via de Campinas e porto de Santos. São Paulo vai começando a traçar sua

centralidade em território nacional, fato impulsionado tanto pela rede de transportes quanto pela diversificada industrialização desta cidade.

A estrada de ferro chega a Jacutinga em 1914, em um ramal que ligava Campinas a Pouso Alegre, passando também por Ouro Fino. Monte Sião não possuía ramal, tendo que levar sua produção através da muare, assim como Lindóia, sua vizinha paulista.

Acompanhando a mecanização da circulação, também houve uma progressiva introdução de máquinas no beneficiamento do café. Além disso, começam a surgir os primeiros sistemas de energia elétrica. Essas condições favoreceram o desenvolvimento das cidades, tendo em vista que grande parte da produção cafeeira dependia de serviços urbanos.

Todos esses fatores fazem com que se rompa, mesmo que parcialmente, com o tempo natural dos lugares. Passa a vigorar um tempo lento para dentro e um rápido para fora, visando a exportação de produtos (SANTOS & SILVEIRA, 2001).

O período que se segue, da integração nacional, só reforça essas tendências. A crise cafeeira e o avanço da industrialização fazem da cidade de São Paulo o novo centro dinâmico do país. São Paulo passa a ter poder para disputar com outras metrópoles em suas próprias zonas de influência. Nessa época, os sistemas de transportes continuam se expandindo, agora com a intenção de integrar o país a partir de São Paulo. As rodovias passam a ganhar importância no transporte de cargas.

No interior, surgem e se desenvolvem cidades com vistas a atender as demandas agrícolas. A urbanização começa a ganhar corpo tendo no êxodo rural e no crescimento da população sua base.

Os primeiros lugares que essas modernizações foram se difundindo foram os arredores da cidade de São Paulo. Nesse sentido, Jacutinga e Monte Sião se beneficiaram periféricamente do dinamismo paulistano. Com a crise do café, as cidades, que já contavam com certa infraestrutura, passaram a investir na exploração de águas e no turismo. Jacutinga ficou um pouco à margem desse processo, baseando na agricultura e nas relações com Ouro Fino sua dinâmica urbana.

Nessa época, a economia urbana de Monte Sião passou a se ligar

profundamente com Águas de Lindóia (SP), município distante cerca de 7 km (tornado distrito de Lindóia no ano de 1953 e município no ano de 1960) que explorava o turismo termal. A proximidade com São Paulo e os atrativos da cidade paulista (além de novas configurações territoriais e econômicas que favoreciam o turismo) fizeram-na se tornar muito famosa e procurada entre as décadas de 1920 e 1940.

Assim, novos objetos técnicos foram sendo introduzidos nas cidades com o novo uso do território que coexistia com a produção de café, mesmo que esta rendesse menos do que outrora. Embora Jacutinga e Monte Sião não atraíssem grandes fluxos turísticos à época, desenvolveram-se atividades nesses municípios para dar suporte ao turismo nas cidades vizinhas.

Com isso, vão se delineando as novas configurações que se solidificarão com o novo período, o técnico científico. Vimos que ao longo do meio técnico a região passou por transformações importantes com a difusão dos objetos técnicos e com o aumento das comunicações. Antes ligada perifericamente com Ouro Preto, passa a estreitar laços com Campinas e com a metrópole paulistana. Os tempos e técnicas naturais deram lugar a vetores externos; as atividades de subsistência se tornaram atividades econômicas baseada nas relações interurbanas e as cidades surgem como forma de apoiar a produção.

O meio técnico-científico informacional

Antes chamado por Milton Santos de meio técnico-científico, esse período passa a ser denominado técnico-científico informacional (SANTOS, 2008) devido à importância que essa variável assume nos últimos anos². É o momento em que a racionalidade científica e a modernização deixam de atuar somente na indústria e passam a comandar outras instâncias da sociedade, incluindo o espaço. As ideologias do consumo, do crescimento econômico e do planejamento atuam em conjunto no sentido de modernizar o território, reforçando seu conteúdo técnico (SANTOS & SILVEIRA, 2001).

2 No livro *O Brasil*, Santos & Silveira distinguem dois períodos: o meio técnico-científico, nos anos posteriores a Segunda Guerra Mundial, e o técnico-científico informacional, com a inserção da variável informação na lógica de comando após os anos 1970.

A conectividade do mundo aumenta tanto pelos avanços na comunicação quanto nos transportes. O capital se mundializa, fazendo das empresas multinacionais um de seus pilares. No Brasil, a autonomia relativa dos lugares vai se desfazendo à medida que os vetores externos passam a ser mais fortes (op. cit). De acordo com esses autores (op. cit. pag. 51)

De um tempo lento, diferenciado segundo as regiões, passamos a um tempo rápido, um tempo hegemônico único, influenciado pelo dado internacional: os tempos dos Estados e das multinacionais.

Assim, o território brasileiro vai perdendo seu conteúdo natural e incorporando o tempo dos objetos técnicos. O meio técnico-científico tende a se impor em todos os lugares, mesmo que com intensidades e manifestações diferentes. O capital fixo, essencial às conexões, se faz mais presente no território e se torna a base para as novas dimensões espaciais da produção e para as especializações produtivas e o aumento da circulação decorrente. Nesse momento, a circulação rodoviária passa a ganhar importância em detrimento da ferroviária.

A subsunção formal do trabalho no capital dá lugar a subordinação real como forma de exploração dominante do trabalho em todo o território nacional. Ou seja, as relações especificamente capitalistas passam a predominar. O assalariamento e o consumo se generalizam e a grande empresa começa a se desenvolver.

Isso ocorreu em conjunto com a urbanização do país. Santos (2008) argumenta que o processo, que tomava fôlego desde a década de 1940, passa por mudanças qualitativas duas décadas mais tarde, com a entrada no período técnico-científico. Era o tempo da cidade produzida racionalmente, com a lógica dominante da indústria.

O trabalho gerenciado cientificamente demanda uma racionalização do uso dos recursos, o que implicou em um conhecimento intensivo do território. A informação passa, então, a ser a variável-chave. Ela define as diferentes densidades dos lugares. Esses passam a diferir não mais em função das variáveis naturais, mas antes das sociais (SANTOS & SILVEIRA, 2001).

Nesse momento, São Paulo consolida seu papel de centralidade do país, não mais em função de sua diversidade industrial: a produção de produtos

informacionais e o papel de centro de comando fazem a cidade se tornar onipresente. O tempo da metrópole está presente em todo o país (SANTOS, 2008).

É em meio a esse processo que Monte Sião e Jacutinga se especializam na produção de malhas. As boas rodovias implantadas na década de 1950 e 1960 ligando Campinas às cidades (Jacutinga através de Itapira e Monte Sião através de Lindóia) tornaram pouco viáveis os ramais das estradas de ferro. O declínio do café e também do turismo termal³ fizeram os municípios tentarem outras atividades. Estimularam, então, o desenvolvimento do artesanato e da pequena indústria. Monte Sião, por exemplo contava com uma fábrica de porcelanas azuis, existente até hoje.

Para isso, essa cidade se aproveitou do fluxo turístico em direção a Águas de Lindóia e fortaleceu uma atividade antiga na região, a produção de artigos de malha. Desde o começo da imigração italiana, as mulheres costuravam roupas de frio para o consumo próprio e venda dentro da cidade. Com a crise cafeeira, essa atividade foi se desenvolvendo até se tornar a principal geradora de renda e empregos nas cidades.

É interessante ressaltar o papel das rodovias na consolidação da especialização produtiva. A partir da instalação desse capital fixo, a produção pôde ser escoada com mais agilidade e o fluxo turístico foi facilitado. A consolidação de Águas de Lindóia como um importante centro turístico de inverno para a população da metrópole paulistana e cidades do entorno foi muito importante para a divulgação da especialização produtiva e desenvolvimento da produção.

Borin (2003) destaca a atuação da empresa Lanofix, uma multinacional japonesa de máquinas têxteis que promoveu uma campanha de vendas na cidade de Monte Sião. Outras empresas também fizeram o mesmo. Assim, um conhecimento local voltado à produção de subsistência é percebido como um meio para a expansão de negócios de uma grande empresa e, com isso, estimulado a se

3 O município de Águas de Lindóia se especializou no turismo termal. Este tipo de turismo atraía pessoas principalmente do interior e da capital de São Paulo para passar grandes temporadas na cidade com intuito de se tratar de doenças de pele. Tal como na Europa do século XIX, associavam-se aos serviços termais alguns outros, como os cassinos que, em pouco tempo, se tornaram um grande atrativo. Em 1946 com a proibição do jogo no Brasil e a simultânea difusão dos antibióticos, o turismo termal entrou em crise, fazendo com que as estâncias tivessem de se refuncionalizar. O turismo de eventos foi a solução encontrada pelo município.

desenvolver comercialmente. Tem-se aí a passagem de uma economia urbana de subsistência para uma baseada na produção capitalista. Essa junção de elementos internos e externos (op. cit) é que faz a especialização produtiva das malhas se desenvolver.

Já na década de 1970 começaram a ser realizadas as feiras, um importante marco na consolidação da produção. Estas divulgam as cidades e promovem a manutenção do fluxo turístico que, por sua vez, possibilita o desenvolvimento de atividades auxiliares, como hotéis e restaurantes.

Mesmo com o aumento da urbanização e com o desenvolvimento de uma economia urbana cindida das atividades rurais, a população rural predominou até a década de 1970 para Jacutinga e 1980 para Monte Sião, como podemos ver no gráfico abaixo. Atualmente, o percentual de população urbana de Monte Sião ainda se encontra abaixo da média brasileira, e muito abaixo da média referente ao sudeste (92,03% referente ao ano de 2007 (IBGE, 2010). Talvez esse fato possa demonstrar como a economia do município ainda depende das atividades rurais para a geração de empregos.

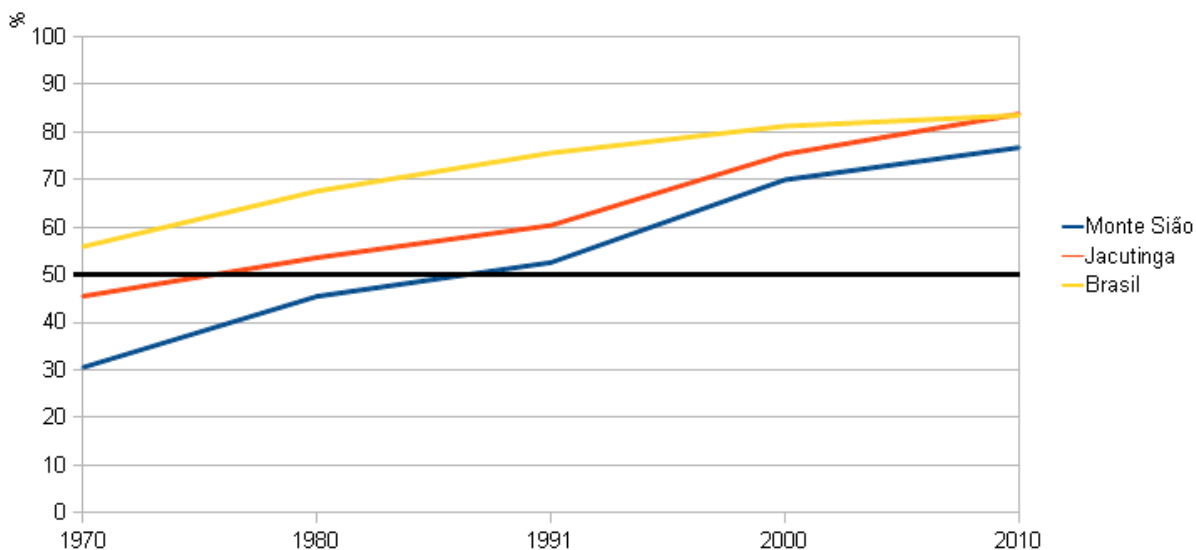


Gráfico 1 - Evolução da População Urbana e Rural em Jacutinga e Monte Sião. Fonte: IBGE

Por essa breve exposição histórica, pudemos ver que as cidades analisadas estiveram próximas das zonas mais dinâmicas do país na maior parte do tempo pós colonização (exceção feita ao período canavieiro). Em virtude disso, foram beneficiadas pelo dinamismo dessas regiões seja pelas infraestruturas implantadas,

seja com a formação de atividades complementares.

Na época do ouro, desenvolveram-se atividades pecuárias e abasteceram o polo através das vias implantadas com este fim. Assim, de alguma maneira, chegavam atividades econômicas que rompiam a lógica de subsistência que imperava até então.

No período cafeeiro o aumento da conectividade foi promovido pelas estradas de ferro que ligavam a região a Campinas. Os vetores externos se tornaram mais presentes com a exportação e a configuração territorial se alterou completamente, aumentando a urbanização e a presença de objetos técnicos.

Vemos, então, ao longo do tempo o progressivo aumento da conectividade dos lugares, que deixam de ter técnicas próprias e passam a contar com objetos técnicos exteriores, que dominam a lógica do lugar. A diferenciação dos lugares não é mais em virtude da natureza, mas antes dos objetos técnicos e, por isso, das variáveis sociais. No atual período, no qual a conectividade dos lugares alcança a escala do mundo e o fluxo de informações pode ser instantâneo, a densidade de informação passa a ser a variável distintiva e a divisão do trabalho pode ser levada ao extremo através das especializações produtivas.

Dessa maneira, a especialização produtiva das malhas só pôde emergir em um contexto de revolução do consumo, de aumento da conectividade, de expansão do turismo e de intensas relações interurbanas com Águas de Lindóia. A revolução do consumo representou a superação da economia de subsistência, com os locais que antes apenas produziam se inserindo no consumo. Isso significou um avanço das relações capitalistas e promoveu uma intensificação da circulação de mercadorias que teve como base os avanços nos transportes e comunicações. Por fim, a região novamente se beneficia da proximidade geométrica com o centro dinâmico. São Paulo é o principal destino das vendas e o local de origem do maior fluxo turístico, que está intimamente ligado com a cidade de Águas de Lindóia.

Visto isso, a partir de agora iremos ver como se configura a especialização produtiva das malhas do sul de Minas na atualidade. Em primeiro lugar analisaremos as características técnicas da produção.

Setor têxtil e a confecção de malhas pesadas

As características específicas do segmento da produção de qualquer mercadoria são imprescindíveis para entender como se dão as relações entre a produção (em sentido amplo) e o espaço. De acordo com o setor da atividade, ocorrerá um tipo específico de uso do território pelos agentes envolvidos. Muitas vezes, dentro do mesmo setor, mas em ramos distintos, há uma ampla variação da maneira pela qual os atores usam o espaço geográfico. Ainda dentro de um ramo, com os diferentes níveis de capital, tecnologia e organizacionais das empresas, ocorrem usos distintos.

Assim, para entendermos a produção de artigos de malha em Monte Sião e Jacutinga devemos primeiro observar quais os setores e ramos envolvidos para depois analisar as características das empresas. No caso estudado os setores são: o *têxtil*, com a fabricação do tecido de malha, e a *confecção*, com a produção dos artigos de malha. Embora distintos, a gênese e evolução destes setores está amplamente relacionada, motivo pelo qual sempre trataremos dos dois conjuntamente. O ramo é o de *malhas pesadas*, também chamadas de *retilíneas*, que será discutido mais adiante.

Um esclarecimento deve ser feito acerca do termo *malha*, cujo uso comum algumas vezes se refere a um tipo específico de matéria-prima de tecidos usados no vestuário. Em realidade, a malha é uma maneira de fabricação de tecidos. Os tecidos de malha usam um único conjunto de fios (dispostos na horizontal ou vertical) que se ligam através de laçadas; enquanto que os tecidos planos (outra maneira de fabricação) são formados por um conjunto de fios longitudinais, o urdume, e outro conjunto de fios inseridos no sentido transversal, compondo a trama (ROMERO et. Al, 1995, p 113).

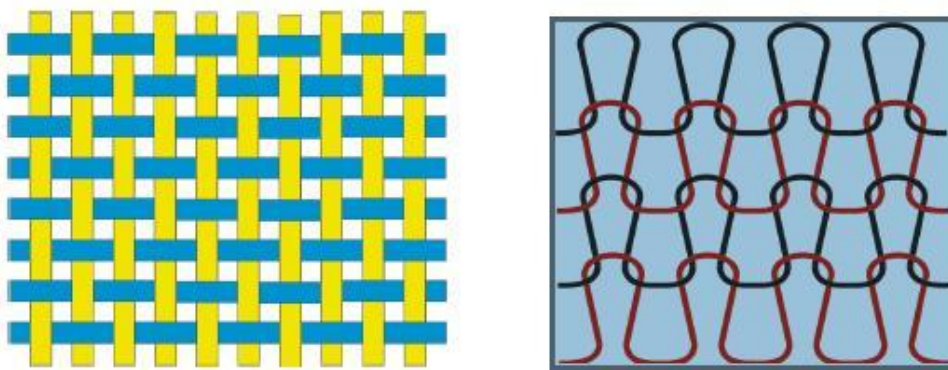


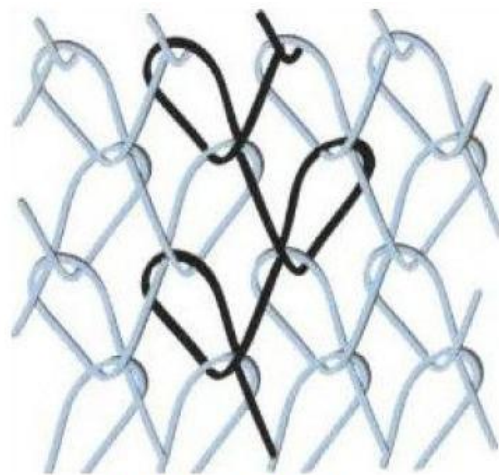
Figura 1. Tecido plano (esq) e Tecido de malha (dir). Fonte: Souza (s/d)

O tecido de malha apresenta maior flexibilidade e elasticidade, a produtividade dos equipamentos é maior e o produto final mais barato. Entretanto, está mais sujeito a deformações e desgaste superficial que o plano, além de que o caimento e o toque podem não ser adequados a qualquer tipo de roupa (op cit, p.113).

As malhas podem ser classificadas de acordo com seu sistema de formação: malharia por urdume ou por trama. A primeira utiliza máquinas Raschel e Kettenstul para a fabricação de tecidos para roupas íntimas, cortinas, tecidos elásticos, forros, veludos para estofamento, entre outros (op cit, p.114).



Malha de Trama



Malha de Urdume

Figura 2. Malha por trama e por urdume. Fonte: Souza (s/d)

Já a malharia por trama, se utiliza de teares circulares (para a fabricação de meias e outros artigos) e *retilíneos*, voltados principalmente para a produção de malhas pesadas. Estas são os blusões, jaquetas, coletes, sobretudos, cachecóis e

análogos, predominantemente produzidos a partir de lã (fibra natural) ou acrílico (sintética). Os teares retilíneos são os mais encontrados nas cidades de Jacutinga e Monte Sião e é sobre este segmento que iremos expor mais detalhadamente⁴.

Entretanto, antes de debruçarmos sobre o segmento das malhas pesadas, é preciso analisar com mais calma os setores apontados, com o intuito de entender os movimentos da indústria têxtil/confeções e verificar em que medida o segmento das malhas pesadas é representativo do setor. Tentaremos falar muito resumidamente das mudanças ocorridas nas últimas décadas e como o segmento de malhas pesadas foi afetado. Paralelamente, tentaremos definir o que seria uma empresa do circuito superior no ramo de malharia para inferir se existe no local analisado alguma empresa deste tipo.

O setor têxtil confeções

O setor têxtil/confeções (que será chamado a partir de agora de TC) foi um dos pioneiros na evolução da indústria brasileira. Desde fins do século XIX, o setor TC se apresenta como um grande empregador de mão de obra. Em 2007, segundo Costa & Rocha (2009, p. 162), representava 17,3% dos empregos da indústria de transformação do país. Grande parte desses empregos está nas malharias, conforme mostra a tabela abaixo:

Tabela 1. Produção, empregos e empresas na cadeia têxtil/confeção.

	Número de empresas	Mão de obra (milhares)	Produção US\$ (milhões)
Total na cadeia têxtil*	26.018	1.523,9	51.992,1
Setor de tecelagem	593	102,2	10.828,0
Setor de malharia**	2.421	118,3	5.509,1
Segmento de confecção do vestuário	18.884	1.008,1	23.333,1

* estão considerados os setores de fiação, beneficiamento e outros segmentos de confecção

** estão considerados fabricantes de malhas em máquinas circulares, retilíneas, urdumes e elásticos

Dados de 2006. Fonte: Sevegnani & Sacomano (2008, p. 2).

Podemos resumir a cadeia produtiva TC com o seguinte fluxograma:

4 Essas informações são relevantes para entender o grande número de pequenas malharias em Monte Sião, visto que a maioria dos teares retilíneos são extremamente baratos

Estrutura da Cadeia Produtiva Têxtil e de Confeções

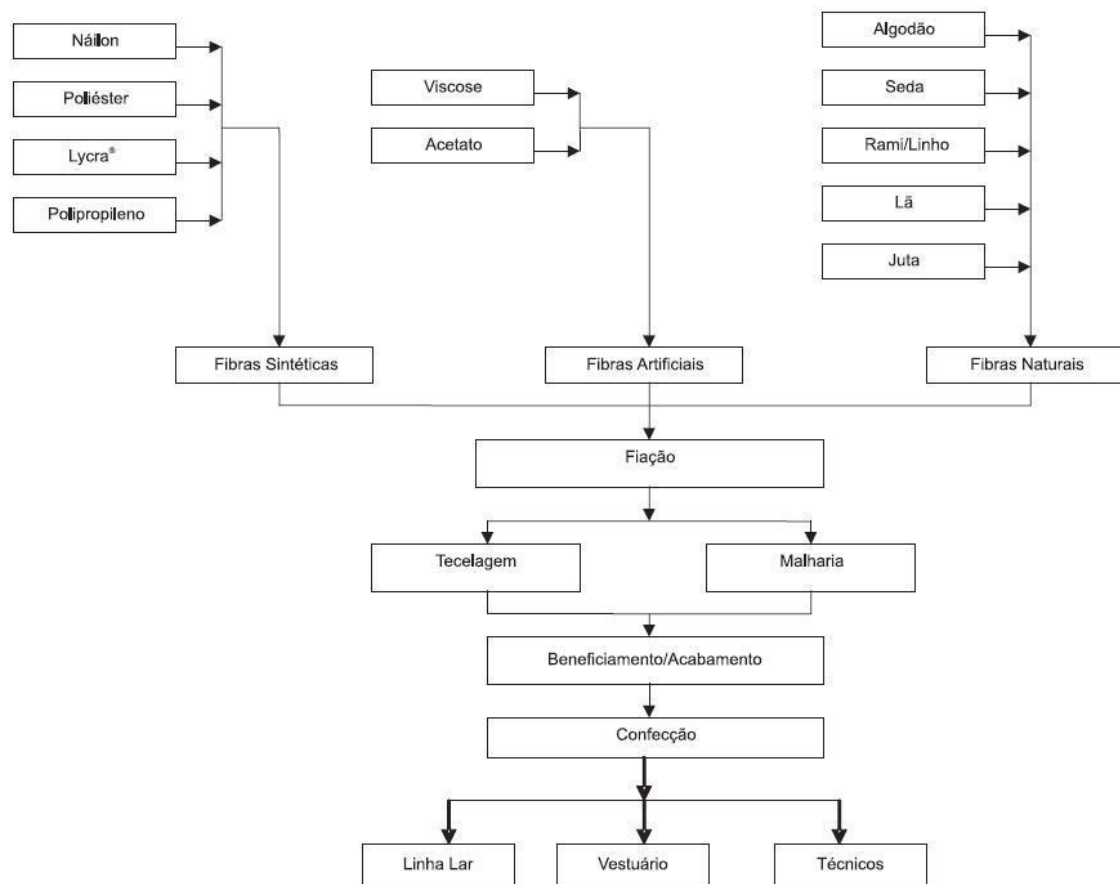


Figura 3. Cadeia têxtil/confeções. Fonte: Costa & Rocha (2009, p. 163)

Em linhas gerais, a cadeia funciona da seguinte forma: o fio é preparado através de matérias-primas sintéticas ou naturais, vai à tecelagem (tecido plano) ou à malharia para a fabricação do tecido, então segue para o beneficiamento e confecção. Geralmente, o local de fabricação do tecido e a confecção estão localizados em áreas muito próximas ou mesmo na mesma empresa no caso das malharias.

Apesar de ainda concentrar boa parte da mão de obra da indústria de transformação, as mudanças decorrentes da abertura comercial na década de 1990 tiveram um impacto estrutural no setor. Com base em Gorini & Martins (1998), destacamos algumas delas:

- aumento da concentração produtiva, com a consequente redução do número de empresas e funcionários

- qualificação da mão de obra utilizada
- deslocamento regional da produção, principalmente em direção ao Nordeste
- reforço na profissionalização da administração das empresas
- incremento na produtividade média

A razão das transformações vistas se baseia sobretudo na concorrência dos produtos chineses. A política protecionista desenvolvida até a década de 1990 beneficiava os produtores nacionais, que, a partir dessa data, tiveram de reestruturar suas empresas para torná-las competitivas em nível global. Muitas delas sucumbiram, fato que provocou a concentração produtiva e o desemprego.

Para ter sucesso nesse novo momento, a administração científica das plantas e da estrutura organizacional das empresas teve de se fortalecer. Era preciso uma estratégia que pudesse baixar os custos ou orientar a produção para novos segmentos do mercado. Tendo isso em vista, algumas indústrias se deslocaram para o Nordeste, sobretudo por conta dos incentivos fiscais, mas também pela mão de obra menos custosa. É interessante notar que apenas a produção se realocalizou; a etapa de concepção permaneceu nos grandes centros.

Uma estratégia adotada pelas empresas foi o beneficiamento dos produtos, que passaram a ter design, corte ou matérias-primas mais bem desenvolvidas. Com isso, um tipo de mercado mais seletivo passava a ser construído. Muitas vezes criaram-se marcas específicas para atender este tipo de cliente. Para viabilizar isso, precisou-se de uma mão de obra mais qualificada, assim como de máquinas mais modernas que, além de garantir um incremento na produtividade, aumentaram o desemprego estrutural.

Outra prática comum à maioria das grandes empresas foi a intensificação da subcontratação. Este recurso consistia em uma maneira de aumentar a competitividade reduzindo os custos de mão de obra. As grandes empresas passam a privilegiar a elaboração do produto e o crédito ao cliente em detrimento da produção propriamente dita. Dessa maneira, deixaram de assumir os ônus da produção (como custos de mão de obra, aquisição e manutenção de máquinas, entre outros) e enfocaram o trabalho imaterial e a estratégia de mercado. Essa nova organização da produção se assemelha ao que Harvey (1998) chama de acumulação flexível.

Apesar de o fenômeno da subcontratação no setor TC ser bastante antigo, há uma mudança substancial da intensidade de seu uso e de seus reflexos na organização do sistema produtivo. Após a abertura comercial, a subcontratação passa a ser um dos pilares da produção, sem o qual dificilmente as empresas sobreviveriam a concorrência.

Podemos dizer que a fabricação é a etapa menos lucrativa e que envolve maiores riscos no setor TC. A idealização do produto e o comércio têm muita influência no preço e nesse sentido a moda tem grande relevância para o setor. Produtos mais sintonizados com as tendências da moda tendem a gerar maiores vendas. Assim, para superar os padronizados produtos chineses foi necessário diferenciação na concepção dos produtos, que atualmente são elaborados a partir das tendências da moda ditadas pelo centro do sistema.

Como um exemplo de efeito dessa reestruturação do setor podemos colocar o caso da Hering, a maior fabricante de artigos em malha do Brasil e, portanto, uma empresa do circuito superior da economia urbana.

Como nos coloca Lucktenberg (2002), a empresa surge no fim do século XIX em Blumenau (SC) para atender uma demanda local de vestuário e cresce rapidamente no início do século seguinte, atendendo o mercado do Rio de Janeiro e São Paulo. A partir desse período, passa a controlar todas as etapas do processo produtivo. Isso se deu até a abertura comercial, momento em que a Hering deixa de atuar no ramo de fiação (1998) e intensifica a terceirização da etapa de costura. Na década seguinte o enfoque da empresa se deu no investimento em marcas (*Hering*, *Hering kids*, *PUC* e *Dzarm*. são as atuais) e franquias. A empresa passa também a contar com cartão de crédito exclusivo (2004)⁵. No ano de 2011 a Cia Hering teve receita bruta de R\$1,6 bilhões com crescimento de 33,4% em relação ao ano anterior (HERING, 2012).

Atualmente, a empresa tem fabricação própria (em 9 unidades - 5 em SC, 3 em GO e 1 no RN), subcontratação e compra de produto acabado (outsourcing), como demonstra a tabela abaixo:

5 O cartão é administrado pela Financeira Losango (pertencente ao HSBC). Ao final de 2011 existiam cerca de 384,3 mil cartões ativos.

Tabela 2. Organização do processo produtivo da Hering

Processo Produtivo*	2010	2011	Var.
Produção	84,3%	82,5%	-1,8 p.p.
Interna	45,6%	44,7%	-0,9 p.p.
Terceirização	38,7%	37,8%	-0,9 p.p.
Outsourcing	15,7%	17,5%	1,8 p.p.
Mercado Interno	3,7%	2,5%	-1,2 p.p.
Importação	12,0%	15,0%	2,9 p.p.

* Refere-se a volume de peças vendidas.

Fonte: HERING (2012)

A Hering distribui suas marcas em lojas Hering Store e PUC, além de grandes varejistas multimarcas e na webstore. Existe uma Hering Store em Monte Sião que comercializa os produtos normais da empresa. Não há qualquer relação da empresa com a produção de malhas pesadas.

Dessa forma, podemos concluir que no caso da Hering a readequação às transformações da década de 1990 se deu pela diminuição da produção própria, investimentos em marcas e expansão da atuação para área financeira. Os investimentos em marcas revelam a preocupação com a concepção do produto, além do direcionamento de mercados.

Em linhas gerais, tentamos estabelecer o que de principal aconteceu com o setor TC após a abertura comercial. O intuito dessa exposição foi contextualizar a produção em Monte Sião e Jacutinga a partir de um panorama do setor. Feito isso, veremos em que medida as reestruturações afetaram a produção de malhas pesadas e se existem empresas do circuito superior atuando na produção nesses municípios.

O segmento das malhas pesadas

A afirmação de Romero et al (1995) de que não existem empresas grandes nesse segmento nos parece válida até os dias atuais. A escala de produção é muito pequena para níveis nacionais e a exportação é dificultada pela lógica mundial da moda e pela competição no segmento em nível global. Isso quer dizer que não existem empresas do circuito superior que atuem somente no segmento.

Considerando-se que as malhas pesadas são produtos marcadamente de inverno, a sazonalidade da produção e a pequena abrangência de climas rigorosos no Brasil faz com que a escala de produção de malhas pesadas não favoreça a emergência de grandes empresas. Essa característica talvez contribua para que grandes marcas já consolidadas não invistam na fabricação. Estas atuam apenas na comercialização e, em alguns casos, na idealização dos produtos, que são fabricados principalmente nos polos de Caxias do Sul (RS) e do Circuito das Malhas do Sul de Minas Gerais.

Existem duas lógicas de produção no segmento: empresas subcontratadas de grandes varejistas e empresas independentes. Como nos coloca Silva (2012), as especificações do controle de qualidade, prazos e quantidades fazem com que poucas empresas consigam se tornar fornecedores oficiais das grandes redes. No setor de malhas pesadas isso representaria as poucas médias empresas existentes. Estas fazem a parte principal da produção e subcontratam malharias menores para complementar a produção e para serviços de costura, podendo ainda aproveitar o know-how para articular uma produção própria.

As máquinas são extremamente baratas e de fácil manuseio, permitindo que com pouco capital⁶ possa se montar uma malharia. O fato de a produção se realizar em pequenas e médias cidades com especialização produtiva faz com que serviços que demandariam maior aporte de dinheiro sejam bancados por associações comerciais e prefeituras.

Embora com características distintas de outros segmentos do setor, a produção de malhas também teve de se reestruturar a partir da abertura do mercado. Sevegnani & Sacomano (2008) nos colocam que as empresas tiveram quatro estratégias frente a concorrência dos produtos chineses:

1. Demissões e venda de máquinas
2. Diversificação dos produtos fabricados, com vistas a diminuir os impactos negativos da sazonalidade
3. Aliança de negócios com grandes magazines
4. Em menor expressão, abandono do setor produtivo e investimento na criação de modelos

⁶ De acordo com entrevistas realizadas em pequenas malharias, com cerca de R\$2 mil consegue-se montar uma pequena produção.

Vemos, com isso, que as características intrínsecas do segmento fizeram com que poucas empresas conseguissem relativizar o peso da produção na empresa. Entretanto, o fato de que algumas conseguiram nos revelam o fato de que existem dois níveis distintos de técnica, organização e de capitais entre as empresas. Isso, em nossa leitura, pode exemplificar a existência de um possível circuito superior marginal, algo que será retomado mais adiante no trabalho.

Com o exposto, podemos dizer que as características específicas da produção de malhas pesadas no contexto do setor TC são:

1. Pequeno volume de produção se comparado a outros segmentos do setor
2. Sazonalidade da demanda
3. Integração vertical da produção do tecido e confecção
4. Pequenas e médias empresas são as responsáveis pela totalidade da produção
5. Máquinas são baratas em comparação com outros ramos
6. Exportação e importação (do produto acabado) em pequena proporção
7. Produção realiza-se em pequenas e médias cidades com especialização produtiva

Feita estas colocações sobre o segmento de malhas pesadas, podemos considerar que esta pequena contextualização do setor têxtil/confecções teve a intenção primordial de demonstrar que as características intrínsecas do ramo de malhas pesadas engendram uma produção que pode se dar em cidades pequenas e com uma lógica distinta da produção de outros segmentos do vestuário cuja demanda e concorrência são maiores. O segmento analisado não é relevante quantitativamente tendo em vista todo o setor TC e ainda sofre com as variações sazonais da demanda. Assim, esta pode ser atendida com as especializações espaciais produtivas em pequenas e médias fábricas.

O circuito espacial produtivo das malhas pesadas

Após esta discussão sobre as características do segmento estudado, devemos pensar na maneira pela qual a produção se articula com o espaço geográfico. Um

conceito que nos ajuda nesse sentido é o de circuito espacial produtivo, introduzido por Barrios (1976, apud Santos, 1986. pag 121).

A autora define o termo como "circuitos de produção e acumulação que se estruturam a partir de uma atividade produtiva definida como primária ou inicial" com "uma série de fases ou escalões correspondentes aos distintos processos de transformação por que passa um produto principal da atividade até chegar ao consumo final".

Arroyo (2008) entende que o conceito pode nos ajudar a nos aproximarmos da compreensão de como a cidade - vista como totalidade dentro de outras totalidades (formação socioespacial e mundo) - se articula. A autora diz que os circuitos espaciais da produção:

(...)abarcam as diferentes fases do processo geral de produtivo (produção propriamente dita, distribuição, comercialização e consumo), formados por empresas de diversos tamanhos, voltadas para um determinado bem ou serviço, e que atingem de forma articulada diferentes frações do território.

Nesse sentido, ajuda a captar a *circulação*, incorporando o movimento na divisão territorial do trabalho (que oferece apenas uma visão estática do território de acordo com Santos & Silveira 2001).

Podemos notar algumas semelhanças deste conceito com o de cadeia produtiva, tendo em vista que analisam a produção em sentido amplo, em suas várias etapas. Entretanto, como destacam Castillo & Frederico (2010), os objetivos desses dois conceitos são distintos: a cadeia produtiva é um instrumento utilizado por administradores, economistas e outros profissionais da área para encontrar gargalos e promover o desenvolvimento de determinada atividade com seu melhor conhecimento logístico e de competitividade. Nessa visão o espaço é uma externalidade, uma variável que favorece ou não a acumulação de capital. Dessa forma, o enfoque principal é no ramo de atuação das empresas. Já na perspectiva dos circuitos espaciais da produção o foco é o espaço, considerado como instância social. Procura-se entender os elos espaciais que engendram a produção.

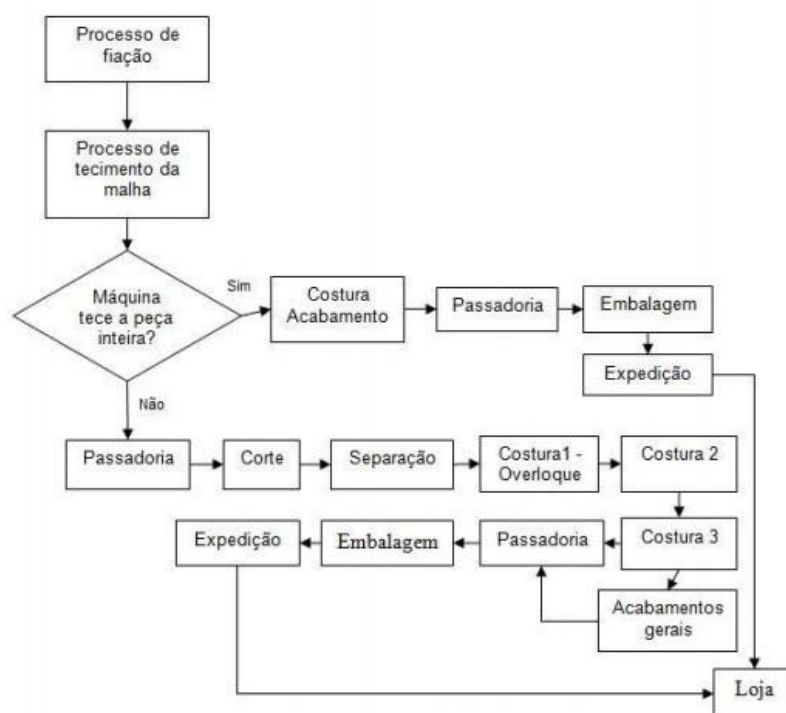
Segundo Arroyo (2008), "cada fração do território pode ser alcançada por uma ou várias fases de um ou vários circuitos de produção, o que permite explicar sua inserção na divisão interna e internacional do trabalho". Analisar as formas de

inserção das cidades de Monte Sião e Jacutinga na divisão do trabalho é o objetivo deste item na pesquisa.

Procuraremos entender, através do conceito de circuito espacial de produção, a maneira que essas cidades se inserem na formação socioespacial brasileira no período atual. Caracterizam-se pela especialização quase unívoca na produção de malhas. Assim, podemos dizer que o principal circuito espacial produtivo que perpassa a região é o das malhas pesadas.

Para atingir esse objetivo, com base na análise das características específicas da produção, iremos verificar como se dão e que fatores articulam a produção, circulação, comercialização e consumo dos artigos de malhas.

Analisando as etapas da produção propriamente dita, Sevegnani & Sacomano



(2008) o seguinte esquema:

Figura 4. Produção de malhas pesadas. Fonte: Sevegnani & Sacomano (2008, p. 11)

O processo de fiação é a uma etapa que não se localiza em Monte Sião ou Jacutinga, embora existam lojas de fios nas cidades. O principal fornecedor de fios é uma indústria situada em Amparo (SP). Todas as outras etapas da produção propriamente dita são feitas nas cidades estudadas, porém o tamanho das empresas que as realiza varia segundo sua lucratividade.

As etapas de costura necessitam de mais mão de obra e as máquinas são mais baratas. Isso faz com que exista uma divisão do trabalho em que as malharias mais capitalizadas subcontratam as menores para essas tarefas. Geralmente, é nas malharias que são submetidas a esse regime que a exploração e as condições de trabalho são piores.

A etapa de concepção do produto (que, como vimos, é um diferencial de competitividade que agrega valor) é feita tanto nas cidades sedes dos grandes varejistas que subcontratam as maiores malharias locais, quanto na própria cidade, embora com diferenças nos preços e na qualidade dos produtos finais.

Se a produção propriamente dita se localiza predominantemente nas cidades estudadas, algo parecido acontece com a comercialização. De acordo com Fuini (2007, p.88):

Os principais municípios do “Circuito das Malhas” têm priorizado, sobretudo, as partes da produção de peças de vestuário em malharias e confecções e as partes de comercialização nas galerias de lojas, magazines e butiques locais. (...) Mesmo assim, parte principal da produção local ainda se destina aos compradores externos no atacado, que acabam tendo forte influência sobre a dinâmica produtiva da região.

Dessa forma, vemos que as cidades se especializam na produção e também no comércio do produto acabado. Isso se evidencia através do grande fluxo turístico no período de outono e inverno. As trocas são tanto no atacado quanto no varejo. As vendas no atacado são direcionadas a lojistas ou sacoleiros do estado de São Paulo (principalmente da capital e de Campinas) ou ainda a grandes varejistas. O interior de Minas, Rio de Janeiro e o Sul do país também são lugares de compra. Uma pequena parte da produção das malharias mais capitalizadas é exportada para Argentina, Chile, Estados Unidos e Europa.

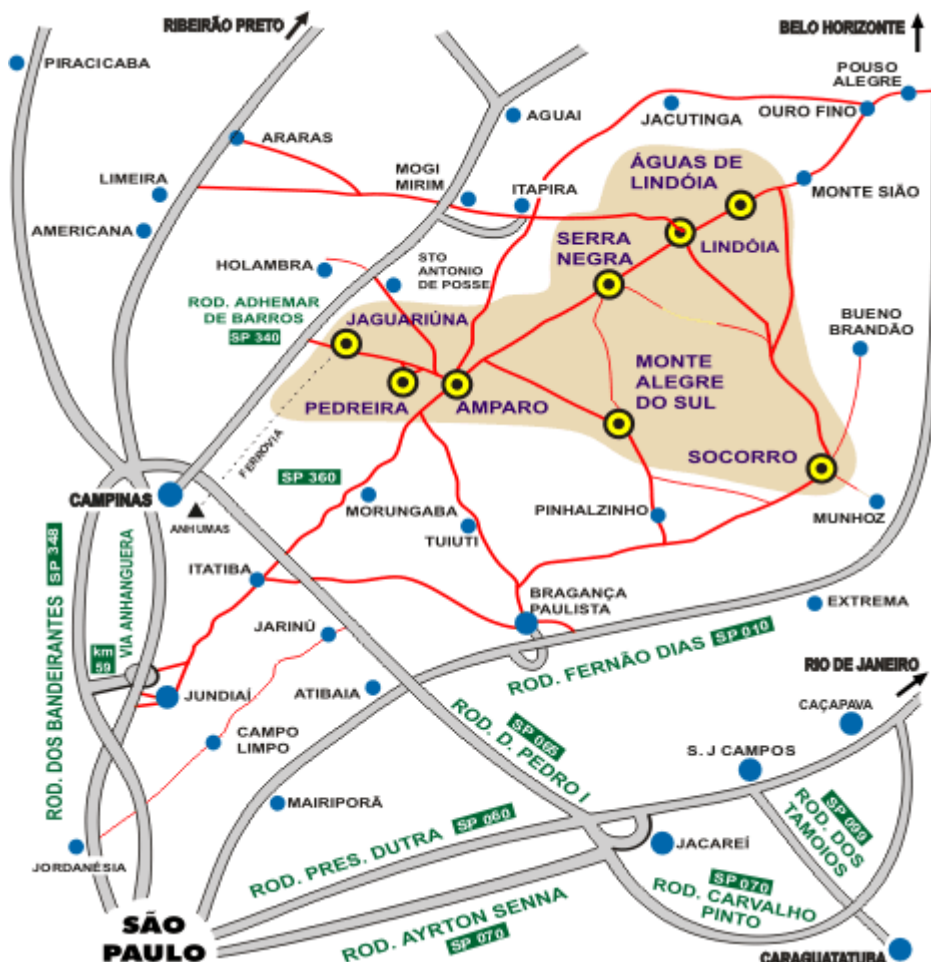
Algumas lojas se instalam em cidades vizinhas pertencentes ao Circuito das Malhas do Sul de Minas e Circuito das Águas Paulista, com destaque para Monte Sião, Jacutinga, Socorro, Águas de Lindóia e Serra Negra. Recentemente, algumas malharias⁷ optaram por se instalar no centro de São Paulo, aproveitando o grande fluxo de pessoas de todas as regiões do país.

7 O termo *malharia* pode ser utilizado tanto para o local de fabricação quanto para o de venda. Na maioria dos casos a empresa que fabrica também tem uma ou mais lojas que vendem produtos, sejam próprios ou de outras malharias. Nessa frase, o termo assume o sentido de local de venda.

As trocas no varejo em geral são feitas para os turistas. Estes, predominantemente paulistas de classe média, se hospedam em Águas de Lindóia e vão a Monte Sião e em menor grau a Jacutinga para fazer compras em um período do dia, retornando a cidade paulista logo em seguida. Águas de Lindóia possui menor diversidade de lojas de malhas, tendo em vista que o foco do turismo é o termal e de eventos.

Embora a maior parte dos recursos venham das compras no atacado esse fluxo turístico é muito importante na produção do espaço local, sendo criados objetos geográficos que funcionam para garantir sua permanência e expansão, tais como as galerias na beira da estrada, os estacionamentos, restaurantes etc.

Jacutinga se aproveita em menor grau dessa relação com o circuito paulista tendo em vista que a estrada que liga Monte Sião a esta cidade (a ligação mais próxima com a referida região paulista) não ser asfaltada e não existir linhas de ônibus interurbanos entre elas (ver Mapa 1). O meio mais viável de se chegar a Jacutinga quando se está em Monte Sião é passando por Ouro Fino, uma viagem relativamente longa para o turista. Para aqueles que não estão com automóveis, o meio alternativo é o táxi, a um preço de cerca de R\$ 80,00.



dois municípios estudados: o fluxo turístico mais intenso para Monte Sião faz com que o número de lojas seja muito maior nessa cidade, enquanto Jacutinga tem mais vendas no atacado, fato que será melhor visto posteriormente quando discutirmos sobre a configuração das cidades estudadas.



Foto 1- Ônibus fretados estacionados em rua auxiliar. André Lopes de Souza - 21/04/2012.

Podemos destacar ainda que o lucro obtido com cada peça é baixo tendo em vista a grande concorrência entre as malharias no local. Isso faz com que seja necessário vender muitas peças no varejo para conseguir os meios de sobrevivência. Também é preciso lembrar que a venda é sazonal e os comerciantes têm de acumular certo volume de capital de giro além de sua renda. Dependem, assim, fortemente do fluxo turístico (atacadistas ou varejistas).

Existem malharias mais capitalizadas, que ao trabalhar melhor o produto procuram um segmento mais elevado de mercado. Como estas são poucas, sofrem menos concorrência e conseguem auferir maiores lucros por unidade e também no

geral. Outras grandes malharias optam por serem subcontratadas de grandes lojas de varejo. Assim, obtêm um grau menor de vulnerabilidade. Muitas malharias capitalizadas subcontratam as menores que, como forma de complementar a renda, fazem a etapa da costura (que demanda mais trabalho e é menos lucrativa).

Outro item muito importante é a *circulação de informações*. Nesse sentido, podemos dizer que as Feiras Nacionais realizadas nos municípios desde a década de 1970 têm um importante papel, visto que atraem um grande fluxo turístico e divulgam a especialização produtiva. Nela realizam-se negócios e estabelecem-se contatos entre lojistas locais e externos.

As prefeituras e as associações comerciais também têm um papel muito relevante no círculo de cooperação que estrutura a produção de malhas. Em parceria com o SEBRAE, elas fornecem cursos, treinamentos, consultorias e outras atividades que propiciam um melhor aproveitamento da mão de obra e uma melhor administração das empresas. No caso das associações comerciais, chegam até a patrocinar viagens de estilistas a Europa para captar as tendências da próxima estação.

As grandes varejistas que subcontratam médias empresas locais também mandam ordens a distância que controlam a produção nas cidades. O nível técnico do maquinário e da mão de obra é ajustado em função desses pedidos, mas permanecem com as malharias para sua produção própria. Estas aproveitam e baseiam seus produtos nos pedidos das grandes marcas.

O consumo pode se dar no local de produção, mas o essencial é feito no interior e capital paulista, além de Minas Gerais, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, estados do Nordeste e, em menor volume, fora do país. Podemos afirmar que a abrangência do circuito espacial produtivo não é regional, embora grande parte do produto acabado se destine a cidades relativamente próximas. Empresas mais capitalizadas engendram um circuito espacial de produção mais extenso. Tendo em vista este fato a análise dos circuitos da economia urbana pode ser útil para entender a configuração da especialização produtiva das malhas do sul de Minas Gerais.

Através da análise do circuito espacial produtivo podemos ver os elos espaciais da produção, ou seja, como a atividade afeta os vários escalões da rede

urbana e, em revanche, como os objetos técnicos e as ações humanas influenciam a produção. Com isso, não podemos desconsiderar a evolução histórica da região, uma sucessiva sobreposição de períodos técnicos, assim como as características específicas da produção atual se quisermos entender as cidades estudadas em seus aspectos intra e interurbanos.

A formação de uma especialização produtiva de artigos de malha foi uma combinação de fatores internos, a produção manual para subsistência e a relativa estagnação da produção cafeeira; e externos, como a campanha de venda de máquinas promovida pelas multinacionais, as ligações com o fluxo turístico de Águas de Lindóia, as infraestruturas viárias que permitem e condicionam o fluxo turístico a Monte Sião e as variáveis históricas que deram condições do desenvolvimento de um turismo regional no Brasil a partir do início do século XX.

Além disso, as características específicas da produção, como máquinas baratas, baixo volume de vendas, sazonalidade da produção dificultam que o grande capital se aproprie diretamente da produção e facilitam a permanência de produtores menos capitalizados, permitindo que empresários de cidades locais tenham um relativo controle sobre a especialização produtiva.

Tabela 3 - Fatores de formação da especialização produtiva das malhas.

Fatores de formação da especialização produtiva	
Internos	Externos
Produção de subsistência	Campanha de venda de máquinas promovida por empresas multinacionais
Relativa estagnação cafeeira	Conexão com o fluxo turístico direcionado a Águas de Lindóia
	Infraestruturas viárias e proximidade com São Paulo
	Desenvolvimento de condições para o surgimento do turismo regional no Brasil

Elaborado pelo autor

Este controle é relativo pois existem variáveis que não estão sob o comando do dono da malharia, tais como os anos de temperaturas mais altas e mudanças nas legislações que alterem os impostos sobre produtos estrangeiros. Os empresários locais, diferentemente de atores do circuito superior da economia urbana, não conseguem influenciar a demanda, dependendo do fluxo turístico para a manutenção da atividade.

A comercialização dos artigos de malha em cidades onde esses são relativamente raros aumenta a taxa de lucro do revendedor, fazendo com que boa parte do lucro do circuito espacial produtivo se realize fora das cidades produtoras, onde os artigos são abundantes e a concorrência faz os preços caírem.

Para ser lucrativa é fundamental que a produção se baseie na exploração do trabalho e que a cidade contribua com uma produção do espaço voltada para a atividade, ou seja, é necessário o apoio da prefeitura e da associação comercial no intuito de fornecer as condições ideais de produção. A especialização na produção de malhas e no turismo de compras também deixa a cidade vulnerável a crises econômicas e aos anos de temperaturas altas. Entretanto, a produção e comercialização faz circular na cidade uma quantidade muito grande de dinheiro, que alimenta a economia urbana em sua totalidade.

CAPÍTULO 2 - A PRODUÇÃO DE MALHAS E AS CIDADES DE MONTE SIÃO E JACUTINGA

A Teoria dos Circuitos da Economia Urbana

A teoria dos dois circuitos da economia urbana, idealizada por Milton Santos na década de 1970, procurava explicar a constituição da urbanização nos países subdesenvolvidos. Consistia em uma alternativa às muitas análises comparativas e meramente quantitativas que eram feitas à época. Segundo o autor, somente uma abordagem que considerasse a dimensão histórica poderia dar conta de apreender a realidade nos países subdesenvolvidos. O subdesenvolvimento não seria uma etapa, mas o resultado de um processo. A aplicação irrefletida de conceitos ocidentais e a comparação com situações dos países desenvolvidos favoreciam análises errôneas e adjetivas do processo.

A proposição do eminente geógrafo seria substantiva. Ao entender as raízes do processo deixava de lado a ideia de que os países subdesenvolvidos estariam atrasados e que uma replicação dos procedimentos executados nos desenvolvidos poderia dar conta de resolver o problema. O processo de subdesenvolvimento tem características específicas exigindo medidas e métodos de análise distintos.

A base da teoria se encontra na difusão seletiva das modernizações nos países subdesenvolvidos. Santos (2004, pag.31) define modernização como "a generalização de uma inovação vinda do período anterior", considerando o período como sendo caracterizado pela existência de um conjunto coerente de elementos (de ordem econômica, moral, social e política) que constituem um sistema temporal. Assim, modernizar-se significa integrar-se política e economicamente ao mundo moderno.

O autor propõe a existência de três grandes períodos no estudo das modernizações:

1. *modernização comercial*: precede a Revolução Industrial. Acompanhada da revolução dos transportes marinhos. Esboça-se uma divisão internacional do trabalho, ocorre a exploração dos países colonizados. A cidade tem função predominantemente administrativa e comercial

2. *modernização industrial*: da Revolução Industrial à Segunda Guerra Mundial. O capital em formação nos países centrais procura valorização em outros lugares, evidenciando o atrelamento entre modernização dos países subdesenvolvidos e necessidades dos industriais.
3. *modernização tecnológica*: pós Segunda Guerra Mundial. Ocorrem as revoluções do consumo, demográfica e urbana. Muitos dos países subdesenvolvidos passam a se industrializar e as economias de escala ganham importância.

São as características deste último período que balizam a análise do autor sobre o espaço urbano subdesenvolvido. De acordo com ele:

O período atual diferencia-se nitidamente dos precedentes por sua capacidade nova de revolucionarização. Pela primeira vez na história dos países subdesenvolvidos, duas variáveis elaboradas no centro do sistema encontram uma difusão generalizada nos países periféricos. Trata-se da informação e do consumo - a primeira estando a serviço do segundo -, cuja generalização constitui um fator fundamental de transformação da economia, da sociedade e da organização do espaço. (Op cit. p.35-36)

A maneira seletiva de difusão das modernizações no período atual se daria em função das grandes disparidades de renda. Novos padrões de consumo se difundem graças a informação, mas poucos têm acesso aos produtos modernos. Isso faz com que o aparelho produtivo tenha de se adaptar criando duas maneiras de produzir e comercializar mercadorias: uma, resultado direto das modernizações, incorpora as variáveis modernas; outra, consequência indireta do processo, ocupa os interstícios deixados. A estas maneiras de produzir, distribuir e comercializar, que também estruturam o espaço, Milton Santos chamou de circuitos da economia urbana.

A enorme disparidade de renda cria diferenças qualitativas e quantitativas no consumo. Estas são as responsáveis diretas para a existência de dois circuitos de produção, distribuição e consumo de bens e serviços. Nos países desenvolvidos as diferenças de renda são menores não restringindo, assim, o acesso aos bens modernos. Por consequência, o fenômeno dos circuitos se restringe aos países periféricos.

Dessa maneira, o autor propôs um novo paradigma para os estudos da

geografia urbana dos países subdesenvolvidos. Segundo esta teoria, as cidades desses países não funcionam de uma maneira maciça. Existem dois subsistemas dentro do sistema urbano que, embora tenham lógicas distintas, estão intimamente relacionados. O *circuito superior* estaria relacionado ao consumo moderno, enquanto que o *circuito inferior*, ao tradicional.

Os circuitos se distinguem basicamente por diferenças de intensidade em três variáveis: *nível técnico, organizacional e capital envolvido*. Cada circuito se define pelas atividades realizadas e pela parcela da população ao qual são direcionados. A definição não é rígida; algumas atividades contêm predominantemente características de um circuito, mas podem conter igualmente elementos do outro.

Poderíamos resumir as principais características do *circuito superior* descrito na obra de Milton Santos (datada da década de 1970) da seguinte forma:

- utiliza tecnologia intensiva em capital
- dispõe de crédito bancário, sendo que em algumas situações as firmas criam ou controlam os bancos
- manipulam grandes volumes de mercadorias (ou pequenos volumes em casos de lojas especializadas)
- emprega pouca mão de obra em relação ao volume e valor produzido; a relação salarial é predominante; emprega número expressivo de estrangeiros, variando de acordo com o nível de industrialização do país; exige qualificação dos trabalhadores
- preços dos produtos é fixo, com uma pequena margem de lucro por unidade e um grande retorno na soma total
- a publicidade é intensamente utilizada para modificar os gostos e deformar o perfil da demanda
- as firmas tem importantes custos fixos, que se elevam com seu tamanho
- baixa reutilização de bens duráveis
- atividades usufruem direta ou indiretamente de ajudas governamentais
- depende, em grande medida, da existência de infraestruturas
- tem a capacidade de macroorganização do espaço

Santos propõe uma divisão interna das atividades do circuito superior: as puras, contendo indústria, comércio e serviços urbanos modernos; as impuras, nas quais o essencial dos interesses é controlado fora da cidade, como o comércio e indústria de exportação; e as mistas, representadas pelos atacadistas e transportadores.

De maneira geral podemos dizer que este circuito compõem-se de grandes indústrias, comércio moderno, atacadistas e empresas de serviços modernos que atuam geralmente em escalas nacional ou global com grande níveis de capital, estrutura organizacional complexa e nível tecnológico moderno.

Já o *circuito inferior* tem as seguintes características:

- a tecnologia empregada na produção é intensiva em trabalho
- as empresas são de pequena dimensão tanto no número de funcionários quanto no volume de produção, entretanto coexistem um grande número de firmas em um mesmo setor
- em decorrência dos dois pontos anteriores, o volume total de empregos é bastante grande, embora estes raramente sejam permanentes; possuem remuneração precária, poucos contratos registrados, com grande importância do trabalho familiar ou autônomo; oferecem empregos para a população pobre e migrante das cidades, normalmente com baixa qualificação
- alto lucro por unidade comercializada, mas pequeno no geral (devido ao baixo volume de comércio)
- utilizam pouco capital e dispensam organização burocrática
- as atividades são baseadas no crédito pessoal e no dinheiro líquido
- as práticas de pechincha são importantes, fazendo os preços oscilarem
- custos fixos não são importantes
- não dispõe de ajuda governamental
- encontra sua integração localmente

Podemos perceber duas lógicas distintas nos circuitos quando se observa o tratamento dado ao lucro: “no circuito superior trata-se de acumular capitais indispensáveis à atividade e à sua renovação em função dos progressos técnicos” (SANTOS, 2004, p.46) já no inferior “trata-se, antes de tudo, de sobreviver e

assegurar a vida cotidiana da família, bem como tomar parte, na medida do possível, de certas formas de consumo particulares à vida moderna” (op cit, p.46). Dessa forma, torna-se difícil falar em lucro no circuito inferior.

Por todas as características apontadas podemos entender que o circuito superior tende a controlar a economia por inteiro, tendendo a subordinar o circuito inferior. Tal quadro parece que não se alterou da década de 1970 para a atual. Embora observamos várias mudanças com o decorrer desse tempo, a desigualdade de renda e a pobreza parecem ser dados estruturais (SILVEIRA, 2009) da formação socioespacial brasileira.

De acordo com Silveira (op. cit.), o circuito inferior vem crescendo devido ao aumento da racionalização da sociedade e do território, que gera, nos dizeres de Santos, (2000, p. 72) “uma produção científica, globalizada e voluntária da pobreza”. A expansão do circuito superior, ditando novas formas de se produzir a sociedade e o espaço, gera, dialeticamente, o crescimento do circuito inferior.

Embora a base da teoria não tenha se modificado, a globalização traz variáveis distintas. Montenegro (2010, p. 43) coloca a técnica, a informação, o consumo, a publicidade e as finanças como as variáveis-chave desse período. Estas já existiam anteriormente, mas mudam qualitativa e quantitativamente, influenciando a manifestação do fenômeno dos circuitos da economia urbana.

Silveira (2009) nos mostra como as novas formas de crédito institucional, que atingem tanto os consumidores (ampliando seu acesso a bens modernos e também seu endividamento e inadimplência) quanto pequenas empresas, provocam novas relações espaciais e de dependência entre os circuitos. O circuito superior, em busca de expansão de seus negócios, começa a oferecer serviços financeiros que antes não eram oferecidos às classes inferiores.

Montenegro (2007, p.34), considera que embora a difusão da informação e do consumo já se davam na década de 1970, “la fuerza con la que estas variables recorren este conjunto del tejido social no presenta paralelos debido al impacto de la publicidad y del crédito em la actualidad”. Assim, as condições de acesso ao consumo se expandem tanto no circuito superior quanto no inferior, que passa a incorporar variáveis modernas.

A adoção de técnicas modernas de produção e distribuição, as novas formas

de organização das empresas (com a expansão da terceirização e as novas localizações), a pressão neoliberal pela redução dos direitos sociais e flexibilização da legislação trabalhista, além do enfraquecimento dos sindicatos, provocaram redução do emprego nas décadas de 1990 e começo da seguinte. Esse processo foi revertido na atual década, sobretudo devido às grandes obras de engenharia (SILVEIRA 2011). A expansão do desemprego e a redução da renda reforçam o circuito inferior.

A incorporação das variáveis chave do período é seletiva e reforça distância entre os circuitos. O crédito oferecido por agentes do circuito superior reforça o consumo e o endividamento de membros do circuito inferior. A publicidade tende a criar as necessidades, entretanto nem todos podem comprar os produtos no circuito superior, indo consumir no inferior. As técnicas modernas de produção exigem grandes níveis de capital e organização da empresa, algo que não existe no circuito inferior. Por fim, a informação, tanto para o consumo quanto para a produção também circula preferencialmente entre os membros e consumidores do circuito superior.

Dessa forma, podemos entender que o fenômeno dos circuitos da economia urbana se mantém atual. A proposta da década de 1970 permanece válida para a análise da urbanização da formação socioespacial brasileira. Ao buscar entender a totalidade do sistema urbano, oferece uma visão diferenciada das pesquisas que levam em conta somente os atores hegemônicos.

A análise baseada nos circuitos é complementar à do circuito espacial produtivo tendo em vista que nesta o enfoque é no setor e naquela as empresas são o objeto. Optamos por entender a especialização produtiva das malhas no sul de Minas Gerais segundo estes dois conceitos para tentar observar as capacidades dos distintos agentes envolvidos em engendrar uma produção e seus reflexos para as cidades e rede urbana.

Ao incluir na análise o movimento dos pequenos, suas lógicas, suas técnicas e suas relações com o Estado e grandes empresas podemos entender como o capital se apropria do produto do trabalho destes. Sendo as cidades pequenas locais onde os atores não hegemônicos predominam, a análise pautada pelos circuitos da economia urbana nos ajuda a pensar como o capitalismo se utiliza das cidades

locais.

Os circuitos da economia urbana em Monte Sião e Jacutinga

Iremos analisar os circuitos da economia urbana em Monte Sião e Jacutinga de acordo com a incorporação das variáveis chave do período da globalização, a saber, a informação, o crédito, a técnica, o consumo e a publicidade. Como já foi dito não existem empresas do circuito superior atuando na produção de malhas pesadas. Portanto, os nexos entre os dois circuitos se evidenciam através dessas variáveis.

Como forma de organização, introduziremos a discussão apresentando as cidades em suas características gerais para depois pontuar a manifestação dos circuitos⁸.

Monte Sião, o Shopping a céu aberto

Monte Sião se caracteriza pela especialização quase unívoca na produção e comércio de artigos de malha. A fabricação e o comércio envolvem toda a economia urbana, direta ou indiretamente. De acordo com Bruno & Maldonado (2005) 80% da população de Monte Sião dedica-se ao tricot. A única indústria da cidade que não está relacionada às malhas é a de porcelanas azuis.

Os dados sobre o número de empresas produtoras são incertos, tendo em vista o alto grau de informalidade. As principais estimativas estão na tabela abaixo:

Tabela 4. Estimativa do número de malharias de Monte Sião⁹

Fonte	Número de malharias	Ano
Borin (2003)	2000	2002
FIEMG ¹⁰	1183	2003
Prefeitura Municipal (2012)	1500	2012

8 Muitas das informações que aqui serão apresentadas foram obtidas em trabalhos de campo e visitas técnicas realizadas nos dias 07/08/2012, 08/08/2011, 15/02/2012, 16/02/2012 e 21/04/2012.

9 Esses dados não indicam que no ano de 2000 existiam mais empresas do que atualmente, mas antes que as estimativas de todos os anos não são precisas, tendo em vista o alto grau de informalidade.

10 Apud FUINI, 2007 pag. 99)

O turismo de compras é a principal fonte de renda dos habitantes locais. Conforme foi dito anteriormente existem dois tipos de atores envolvidos: os turistas de classe média, que se hospedam no município vizinho de Águas de Lindóia (SP) e compram a varejo; e os atacadistas, que vêm em ônibus fretados de várias partes do país.

A cidade não conta com atrações suficientes para atrair a hospedagem da classe média. Existem somente cinco hotéis no centro da cidade e estes não oferecem os serviços esperados pela classe. Os restaurantes e bares de alto e médio padrão também são escassos. Isso faz com que os turistas que passam o dia fazendo compras em Monte Sião se hospedem em Águas de Lindóia. A fácil ligação viária, os bons hotéis, restaurantes e outros atrativos da cidade paulista drenam o fluxo turístico. Esta cidade se especializou no turismo de eventos e no termal, contando com grande e qualificada infraestrutura hoteleira. Os próprios habitantes do município mineiro vão para a vizinha paulista para festas e outros eventos no período noturno. Os hotéis de Monte Sião atendem aos atacadistas.



Imagem 1 - Centro e arredores de Monte Sião.

O centro da cidade é inteiramente tomado por malharias. A área destacada em vermelho da imagem acima compreende a concentração de locais de comércio.

É o principal ponto de circulação de turistas. As praças funcionam como local de descanso e lazer (principalmente a Mário Zucatto, que conta com algumas atrações nos fins de semana da alta temporada). É possível observar alguns pequenos galpões de malharias.

Existem alguns restaurantes e lanchonetes nessa área, que obtém seus lucros principalmente no horário de almoço. Existem também algumas galerias, que ligam as ruas através dos quarteirões e concentram o fluxo em dias chuvosos (Foto X).



Foto 2. Estacionamento para os ônibus fretados. André Lopes de Souza. 21/04/2012



Foto 3. Ruas de Monte Sião num sábado de alta estação. André Lopes de Souza. 21/04/2012



Foto 4. Galeria de comércio. André Lopes de Souza. 21/04/2012



Foto 5. Local de fabricação e venda de uma pequena malharia. André Lopes de Souza. 07/08/2012

Assim como Montenegro (2009) assinala a importância dos fluxos para a consolidação do circuito inferior no centro de São Paulo e no Largo Treze, notamos a importância que esta variável tem para o município de Monte Sião. Muitos locais de comércio se localizam na estrada que liga a cidade ao município de Águas de Lindóia, dependendo do fluxo turístico para sua sobrevivência.

As malharias menores geralmente são localizadas nas garagens das casas dos proprietários, em bairros próximos ao centro. Muitas vezes também a loja se localiza na residência do proprietário (Foto X). Geralmente, possuem péssimas condições de trabalho, com ambientes sem ventilação, pequenos e com exposição a ruídos. A organização familiar favorece, em muitos casos, a jornadas extensas em períodos de alta produção. A informalidade é grande entre esse tipo de produtores.

A especialização produtiva é tão agressiva que ao caminhar em bairros residenciais da cidade é possível ouvir o barulho de máquinas trabalhando em garagens das casas. Apesar da concentração do comércio de malhas se dar no centro, a produção se dá majoritariamente nos bairros.

A produção do espaço na cidade é totalmente voltada à atividade. Existem

vários equipamentos que apoiam o turismo de compras, tais como um estacionamento especial para receber o grande volume de ônibus (foto X) que vêm na época de vendas (maio a julho) e o pavilhão de exposições onde é realizada a FENAT, Feira Nacional do Tricot.

Essa configuração da cidade rende o slogan de *shopping a céu aberto*, dito com orgulho pelo monte-sionenses. Gostamos desta expressão pois ela evidencia que o turista vai até o local, faz compras, se alimenta e volta para sua casa. O centro e, em realidade, toda a cidade é organizada segundo os fluxos turísticos.

A produção de malhas em Jacutinga

A cidade de Jacutinga, apesar de também ser especializada na produção e comércio de artigos de malha possui algumas outras indústrias, como uma de fios (não relacionada ao ramo das malhas retilíneas) e uma de águas minerais. Esse fato pode ter origem histórica tendo em vista que a cidade recebeu mais influências externas devido a presença da estrada de ferro. Entretanto, é certo que a maior parte do emprego e da renda é gerada pelas atividades decorrentes da especialização produtiva das malhas.

Assim como em Monte Sião, a grande variedades de situações dos locais de produção e o alto grau de informalidade impedem estimativas confiáveis sobre o número de empresas atuando na cidade. Algumas delas se encontram na tabela abaixo:

Tabela 5. Estimativa do Número de Malharias de Jacutinga

Fonte	Número de Malharias	Ano
Circuito das Malhas (2012)	1500	2012
Revista Atualidades (2012)	1000	2012
FIEMG ¹¹	650	2003

A concentração de lojas se encontra em poucas ruas, como pode-se ver na imagem 2. É possível observar um maior número de grandes galpões em comparação com Monte Sião (imagem 3 e 4). Isso se deve a estratégia local das empresas em atender mais a grandes marcas como forma alternativa ao menor

¹¹ Apud FUINI, 2007 pag. 99.

fluxo turístico. Em Jacutinga encontramos as maiores fábricas, como vemos na imagem 4.



Imagem 2. Centro de Jacutinga



Imagem 3. Galpões de produção em um bairro de Jacutinga



Imagem 4. Galpões de produção localizados na periferia

Grande parte da produção também se encontra nos bairros. Mas a venda é mais concentrada no centro da cidade do que em Monte Sião, onde alguns atacadistas preferem comprar nos bairros. Em épocas de baixa muitas lojas fecham, como pode ser visto na foto 6, voltando a abrir na alta temporada. A cidade conta com poucos hotéis que atendem predominantemente aos atacadistas.



Foto 6. Local de comércio fechado em baixa temporada. André Lopes de Souza. 15/02/2012



Foto 7. Local de fabricação de uma grande empresa. André Lopes de Souza. 15/02/2012

Não existe um pavilhão de exposições construído para a realização da FESTMALHAS, tal como visto em Monte Sião. A feira é realizada nas ruas da cidade, com infraestrutura provida pela prefeitura.

Para finalizar essa exposição sobre as cidades é fundamental destacar o fato de que a especialização produtiva das malhas gera PIBs crescentes, embora em Monte Sião nos anos de 2005 e 2007 houve baixa. Essas quedas podem estar relacionadas a anos quentes, nos quais o turismo de compras é prejudicado. Jacutinga, por ser um pouco menos dependente do fluxo turístico, sofre menos a influência de anos quentes.

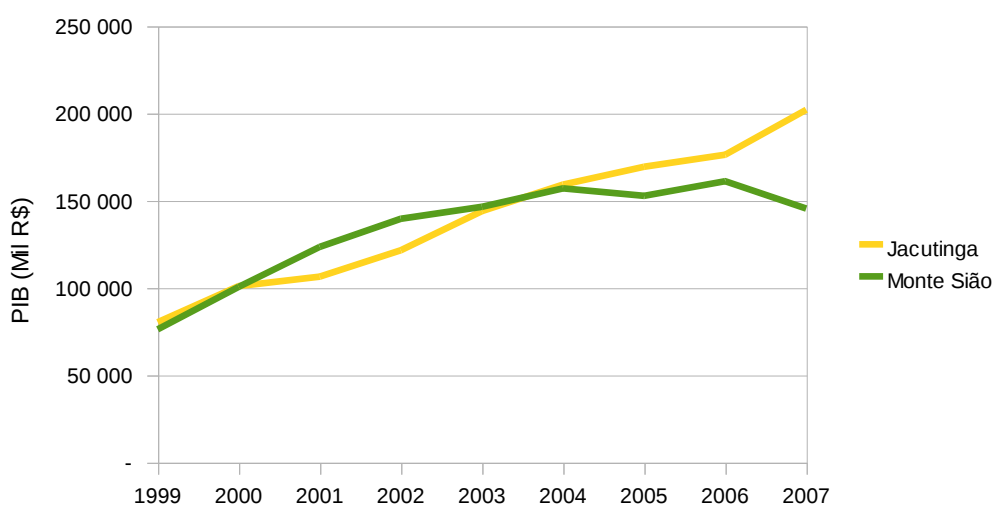


Gráfico 2. Evolução de PIB de Monte Sião e Jacutinga (valores em R\$ mil). Fonte: Modificado de Fundação João Pinheiro

As variáveis-chave do período e a configuração dos circuitos

Já vistas as características gerais das cidades, iremos ver como se dá a incorporação das variáveis-chave do período segundo os agentes envolvidos. Ao final iremos recapitular as principais características dos circuitos da economia urbana relacionados a produção, distribuição e comércio de malhas nas cidades pesquisadas.

A primeira variável-chave a ser vista será o consumo. Como destacamos anteriormente, existem dois tipos de consumidores: os atacadistas e os varejistas. Os primeiros podem ser tanto os sacoleiros quanto os lojistas e grandes marcas.

Os sacoleiros compram principalmente em atacado para obter melhores

preços. É preciso destacar que na maioria das lojas o atacado significa a compra de 6 ou mais itens. É comum a associação de dois desses atacadistas com fins de chegar as seis unidades e conseguir comprar a preço de atacado. Eles vão para as cidades em excursões organizadas por empresas de municípios do interior de São Paulo e Minas Gerais. Em menor escala, fazem encomendas pela Internet (normalmente após elegerem suas “lojas de confiança”, aquelas que os produtos “saem bem”, ou seja, têm boa e rápida venda).

Muitos atacadistas são aposentados que aproveitam as excursões para complementar a renda. Se não são lojistas, invariavelmente têm uma clientela mais ou menos fixa em seu ciclo de amizades. Anunciam a viagem com certa antecedência e após o retorno rapidamente vendem seus produtos. Mesmo assim, por se tratar de itens de moda, a compra desse tipo de atacadista sempre se revela um risco: não há a garantia de venda, se a peça não agrada as pessoas que estão acostumadas a comprar com o vendedor, dificilmente este consegue vender.

Já os lojistas, costumam ser mais capitalizados. Existem desde lojas pequenas até grandes marcas que comprem as malhas locais. Empresas do circuito superior como Zara, Marisa, C&A e Pernambucanas são as que se destacam. Geralmente as grandes marcas idealizam o produto e subcontratam a fabricação das malharias, enquanto que lojistas menos capitalizados vão até a cidade ou fazem encomendas de produtos concebidos pelas malharias.

Essa subcontratação realizada pelas grandes marcas se destina as maiores malharias das cidades. Por sua vez, essas subcontratam outras malharias locais para realizar parte da produção e costura. Assim, vemos como um interesse de um agente hegemônico externo influencia e desorganiza os arranjos preexistentes, que conservavam relações não propriamente capitalistas.

Os varejistas são os turistas de classe média que vão passar os fins de semana na região. Geralmente ficam hospedados em Águas de Lindóia e vão para Monte Sião no período diurno. Jacutinga sofre menos a influência desse tipo de consumidor, o que se reflete na organização da cidade, como já ressaltado anteriormente.

Com isso, podemos organizar a seguinte tipologia de consumidores:

- *varejistas*: turistas de classe média que passam o dia na cidade. Compram

algumas peças para uso próprio ou presentes.

- *atacadistas-lojistas*: possuem lojas em suas cidades, vão de carro, van ou em ônibus fretados fazer compras para o abastecimento de seu estabelecimento na época de frio, ou fazem encomendas pela internet. São responsáveis por boa parte das vendas das cidades estudadas. São agentes do circuito inferior da economia urbana, o que denota que a importância desse circuito na distribuição das mercadorias.
- *atacadistas-sacoleiros*: vão para Monte Sião em excursões organizadas por empresas de suas cidades e vendem as peças adquiridas em seu ciclo de amizades. A pechincha é prática comum. Normalmente se associam entre si para conseguir chegar ao padrão de atacado das lojas. O capital investido pode variar, mas gira em torno de R\$300,00 a R\$600,00. Não são especializados no segmento, fazendo outras excursões, por exemplo para a região central de São Paulo. Eventualmente, possuem pequenas lojas. Constituem nos agentes compradores menos capitalizados.
- *grandes marcas*: idealizam o produto e subcontratam a produção. O nível de exigência quanto aos produtos é alto e o lucro obtido por parte das malharias é pequeno, evidenciando uma relação de subordinação entre os circuitos.

É importante ressaltar que o consumo está relacionado predominantemente a pessoas de fora da cidade. Embora a população local consuma as malhas, a lógica de produção é voltada para abastecer necessidades externas ao município.

Outra variável determinante do período é o crédito, que se constitui na base para a expansão das atividades produtivas no setor analisado e na maneira mais comum de compra do produto acabado.

A Credmalhas, ligada ao Bancoob, é a principal instituição financeira ligada ao circuito. No ano de 2011 contava com 2023 associados, oferecendo serviços de empréstimo, financiamento (que visam atender o produtor rural), microcrédito, assessoria para aplicações no mercado financeiro, crédito consignado e internet banking para toda a região. O microcrédito atenderia aos produtores menos capitalizados e que possuem menos garantias. Os juros são menores e as condições de pagamento mais flexíveis. O crédito é oferecido para fins produtivos

(CREDMALHAS, 2012). Porém, em realidade a grande maioria das malharias não consegue acesso ao crédito através desta instituição (FUINI, 2010).

Existem outras instituições, como o Banco do Brasil, Caixa Econômica Federal e Itaú, que também oferecem crédito ao produtor. Entretanto, muitas malharias não têm acesso, tendo que economizar o dinheiro para abrir o negócio. Para a aquisição de máquinas a negociação entre o vendedor e o comprador para a realização de pagamento em diversas parcelas é a prática mais comum (op. cit.).

O acesso ao crédito é um elemento que distingue os produtores. Somente as maiores e mais estáveis malharias conseguem o crédito institucional e, assim, podem modernizar ou expandir seus negócios. Uma boa parte das menores malharias são informais, o que dificulta a obtenção.

O crédito ao consumidor é praticamente generalizado. Tendo em vista a exigência dos clientes, é difícil encontrar loja que não aceite as principais bandeiras de cartões de crédito.

A variável informação, assim como o crédito também mostra uma distinção entre os produtores. Os mais capitalizados, associados da ACIMS (Associação Comercial e Industrial de Monte Sião) e da ACIJA (Associação Comercial Industrial Agropecuária de Jacutinga), são os que se destacam. As associações promovem cursos de capacitação em parceria com o SEBRAE, além de fornecer assistência jurídica e laboratórios de análise (FUINI, 2010). De acordo com Fuini (2008), a instituição oferece treinamento gerencial para cerca de 35% das malharias e de funcionários para 27%.

A circulação seletiva de informação demonstra uma diferenciação de níveis organizacionais das malharias que pode ser vista na concepção dos produtos. As malharias que são subcontratadas de grandes cadeias varejistas apenas fazem a confecção segundo as especificações técnicas indicadas. Recebem as ordens diretamente da empresa contratante. Normalmente, possuem nível técnico avançado para os padrões do circuito das malhas.

Entretanto, as grandes malharias que concebem seus próprios produtos enviam para Europa seus estilistas (com o auxílio das associações comerciais) com o intuito de captar as tendências da moda. Nas menores, os estilistas são os próprios parentes, assim como as modelos. Com isso, as grandes conseguem agregar maior

valor ao produto e obter maiores lucros.

Dessa maneira, vemos uma distinção na qualidade do design do produto. Isso se reflete na exportação das malhas. Apenas poucas malharias conseguem atender as exigências tanto referentes ao produto quanto as burocráticas para conseguir exportar. Há uma busca entre os atores locais de estimular o crescimento deste mercado, que encontra dificuldades devido a grande capitalização que exige.

De maneira geral, a informação atua em duas vertentes: na formação da mão de obra e na elaboração do produto. Ambas se constituem em elementos distintivos das grandes para as pequenas malharias.

De acordo com Bruno & Maldonado (2005), a mão de obra é pouco qualificada, de modo que o potencial das máquinas mais modernas não é atendido em sua plenitude. Isso indica que os cursos oferecidos pelas associações comerciais em parceria com o SEBRAE não conseguem formar a mão de obra para as malharias mais capitalizadas. Esse fato também evidencia os limites de uma produção em cidade local, onde a densidade informacional é a menor da rede urbana e igualmente relativiza o destaque ao saber fazer local como portador do desenvolvimento da produção.

Se os trabalhadores que são formados nos cursos não são qualificados de maneira ideal, os que não passam pelos treinamentos tendem a conferir ainda menos produtividade às máquinas. Tal é o caso dos trabalhadores das malharias menores.

Outra variável-chave do período é a publicidade, que se manifesta de maneira particular. O foco não é propaganda de uma malharia ou de um produto em específico. O objetivo é divulgar a produção de toda a cidade. A propagação do termo “shopping ao céu aberto” bem demonstra essa característica.

Poderíamos falar em um city marketing. O rótulo de “capital nacional do tricot” é dito com orgulho pelos monte-sionenses. A prefeitura municipal e a ACIMS são os principais responsáveis pela divulgação da produção. A maior vitrine da cidade é a FENAT - Feira Nacional do Tricot, organizada por ambas instituições. A publicidade do evento conta com organização de site (<http://www.fenat.com.br>), outdoors em grandes cidades da região (como por exemplo, Campinas) e propagandas em afiliadas regionais de emissoras televisivas. Elas buscam ressaltar a

qualidade dos produtos e seu baixo preço.

Da mesma maneira, o principal meio de divulgação da produção da cidade de Jacutinga é a FESTMALHAS. Neste ano, a feira esperava receber 150 mil visitantes e movimentar um montante de R\$ 12 milhões (G1, 2012). Outra feira de grande importância é a Feira do Circuito das Malhas, realizada na Grande São Paulo pelas cidades produtoras de malha de Minas Gerais e São Paulo. Este ano teve quatro edições na temporada outono inverno e grande divulgação por diversas vias, como a televisiva, banners, outdoors, revistas de grande circulação, entre outros.

A feira tem o apoio do Circuito Turístico das Malhas do Sul de Minas, entidade que busca divulgar as cidades participantes e fortalecer as instituições locais. Este ainda não desempenha um papel central, entretanto a tendência é de fortalecimento (FUINI, 2008). Para as cidades é interessante que cada vez mais se conheça a especialização na produção de malhas pesadas. Isso favorece o turismo e também possíveis investidores.

As malharias também procuram fazer a publicidade individual através de seus sites. A ACIMS e a ACIJA dão assessoria para a elaboração. Notamos mais uma distinção entre as malharias. As menores não oferecem este serviço, que pode contribuir nas vendas a distância.

Quanto a técnica utilizada na produção, verificamos uma divisão do trabalho de acordo com o porte das malharias. As maiores possuem equipamentos mais produtivos e modernos. Vimos como a ACIMS oferece cursos e dissemina informações importantes para essas malharias. Ficariam encarregadas especificamente da produção das malhas e concepção dos produtos.

Já as pequenas seriam responsáveis, além da produção própria, pela costura das peças produzidas em outras malharias. Como já foi dito, esta etapa é a que aufera menores lucros e envolve mais mão de obra.

As máquinas de costura são mais baratas que os teares retilíneos. Estes ainda possuem vários níveis de produtividade. Abrangem desde máquinas altamente automatizadas a teares pouco produtivos.

As malharias mais capitalizadas geralmente fabricam em galpões, lugares apropriados para as máquinas. Nestas as relações deixam de ser familiares, a relação salarial predomina e a informalidade diminui. Já nas pequenas, o local de

produção geralmente é o de moradia, adaptando-se a garagem da casa a um local produtivo ou de comércio.

Quanto as relações com o Estado, podemos falar que os agentes têm influência apenas no poder público local. Como coloca Mills (1968) para as cidades estadunidenses, nas cidades pequenas a elite política coincide com a elite econômica. A prefeitura é dominada por pessoas ligadas aos interesses das maiores malharias das cidades. Com isso, as cidades são produzidas a partir desses interesses, o que pode ser visto pelo sistema de objetos geográficos instalados com o apoio do poder público local (a infraestrutura das feiras, os estacionamento, as decorações nas praças) assim como pelas parcerias com as associações comerciais em suas ações.

Em Monte Sião, onde as vendas a varejo e o fluxo turístico varejista são mais intensos, uma diversificação do turismo poderia ser benéfica. Outros tipos de turismo seriam atraídos com uma melhor infraestrutura hoteleira e atrativos turísticos construídos pela prefeitura. Entretanto, parece predominar a opinião de que o turismo de compras seja a única atividade a se investir.

É interessante notar os dados de Fuini (2007) sobre a avaliação da atuação das prefeituras. Ao elaborar questionários junto às malharias filiadas às associações comerciais ele verificou que 71,1% das malharias em Jacutinga e 85% em Monte Sião consideram a atuação do poder público ineficaz. Esse dado pode ser lido antes como uma tentativa de obter mais ganhos com investimentos da prefeitura do que com uma real ineficácia das prefeituras. Se os questionários fossem aplicados com malharias pequenas talvez o resultado quantitativo fosse parecido, mas o entendimento dos dados seria diferente. As prefeituras não buscam atuar no sentido de fornecer os mesmos serviços (aos não filiados) que as associações comerciais, reproduzindo assim, uma situação de desigualdade no círculo de informações segundo o poder econômico do agente.

Como as cidades do circuito têm poucos habitantes não conseguem eleger representantes em nível de estado e governo federal. É comum que candidatos a deputados de centros maiores, tais como Poços de Caldas e Pouso Alegre venham a essas cidades buscar votos. Dessa forma, os interesses desses representantes em atrair investimentos para a especialização produtiva é secundário (pois, em

primeira instância buscam atender as solicitações dos municípios maiores).

Quanto ao governo estadual podemos perceber que as ações se restringem ao apoio aos Circuitos Turísticos. O governo federal não tem nenhuma ação de destaque quanto a especialização produtiva das malhas. Existe um IFET (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia) em Inconfidentes, cidade pertencente ao Circuito Turístico das Malhas, mas que não realiza cursos voltados ao setor.

De acordo com o que foi analisado, podemos ver que existe uma incorporação seletiva das variáveis-chave do período, que se reflete na força que os agentes têm, em sua lucratividade e na capacidade de organização do espaço. Poderíamos dizer que existem três níveis de produtores e comerciantes envolvidos na especialização produtiva das malhas, como indicado no quadro abaixo.

Tabela 6. - Os agentes na especialização produtiva das malhas do sul de Minas

	Circuito inferior		Circuito Superior Marginal
	Menos capitalizado	Mais capitalizado	
Número de empresas	Maior número de empresas	Número razoável de empresas	Poucos agentes
Número de funcionários	Pequeno por empresa, grande no total	Pequeno por empresa, grande no total	Variável, mas em geral, grande por empresa
Produção	Subcontratadas de malharias maiores e produção própria	Subcontratada de malharias maiores, produção própria, subcontratação de malharias menores	Subcontratadas de grande marca, subcontratação de malharias menores e produção própria
Local de fabricação	Local de residência	Pequeno galpão	Galpão
Elaboração do Produto	Feita por parentes ou amigos	Feita por estilistas que vão para a Europa, pela via da associação comercial	Feita por estilistas que vão para a Europa, pela via da associação comercial
Associação comercial	Não filiado	Algumas empresas filiadas	Filiados
Consumidores	Atacadistas e varejistas que vão a cidade, encomendas	Atacadistas e varejistas que vão a cidade, encomendas	Atacadistas e varejistas que vão a cidade, encomendas de grandes marcas e exportação
Máquinas	Pouco modernas, usadas	Pouco modernas,	automatizadas

		modernas, usadas	
Influência no poder público local	Nula	Considerável	Grande
Acesso a crédito institucional	Inexistente	Atende parcialmente as demandas	Atende parcialmente as demandas
Objetivo	Reprodução da vida	Reprodução da vida/lucro	Lucro
Endereço eletrônico	Inexistentes	Bem estruturados	Bem estruturados
Preço por unidade	Baixo (em torno de R\$10,00 a R\$50,00)	Alto (em torno de R\$30,00 a R\$150,00)	Alto (em torno de R\$30,00 a R\$200,00)
Estabelecimento comercial	No local de fabricação	Algumas lojas nos centros das cidades do Circuitos das Água e das Malhas, além do Bom Retiro na cidade de São Paulo	Algumas lojas nos centros das cidades do Circuitos das Água e das Malhas, além do Bom Retiro na cidade de São Paulo

Elaboração do autor.

A presente pesquisa oferece uma aplicação empírica da teoria dos circuitos da economia urbana para uma cidade local em que o circuito inferior participa tanto da produção quanto da distribuição e da comercialização. Nesse sentido, acaba por trazer alguns apontamentos interessantes para se pensar esta teoria.

Uma verificação interessante é que o circuito inferior rompe com as barreiras intra urbanas, reafirmando que a zona de influência das cidades locais é determinada por seu circuito inferior (SANTOS, 2011). Em casos muito específicos, das malharias do circuito superior marginal, chegam até mesmo a exportação. De qualquer forma, vimos que a produção é totalmente voltada para abastecer necessidade externas ao município. A análise do circuito espacial produtivo revela isso.

Outro apontamento, se refere a escala de comércio. Antes apenas varejista, notamos uma tendência do circuito inferior de também se expandir para o atacado. A foto abaixo, mostra uma vitrine onde os preços a atacado e varejo ficam definidos.



Foto 8. Vitrine de loja em Monte Sião. André Lopes de Souza. 21/04/2012. Edição: Gustavo Teramatsu

Montenegro (2009) afirma que uma das condições de existência do circuito inferior na capital paulista é o ambiente construído degradado e o intenso fluxo de pessoas. Em Monte Sião e Jacutinga o circuito inferior ocupa toda a área da cidade. Embora pareçam manifestações distintas do fenômeno segundo a escala da rede urbana, encontramos nelas um nexos: o circuito inferior continua sendo intersticial aos investimentos capitalistas. Se na metrópole o interstício é o ambiente desvalorizado, podemos considerar toda a cidade local como interstício aos investimentos do circuito superior. E, se considerarmos o baixo volume de comércio do segmento de malharias pesadas, podemos dizer que este ramo não é atrativo o suficiente para grandes empresas atuarem na produção.

Borin (2003) já destacava o relevante papel da ACIMS no estabelecimento de

círculos de cooperação. Acreditamos que a atuação da associação reforçada pelas prefeituras contribua para gerar níveis distintos de estruturas organizacionais das empresas na cidade. As consultorias, palestras, workshops e treinamentos gerenciais e de funcionários induzem a formação de estruturas mais complexas, capazes de incorporar melhor as variáveis do período.

Encontramos indicações ao longo da pesquisa de que existem duas lógicas presidindo a produção de malhas: a do lucro e a da sobrevivência. Existem três níveis de capital, tecnologia e organizacional envolvidos. A já referida atuação da associação comercial, assim como o acesso ao crédito institucional, o tipo de maquinário, a capacitação da mão de obra, a estrutura física da firma, o design dos produtos e vários outros pontos nos permitem afirmar isso.

CAPÍTULO 3 - A ESPECIALIZAÇÃO PRODUTIVA E AS CIDADES LOCAIS

Nesse capítulo iremos esboçar uma análise das cidades locais como local de expansão das relações capitalistas de produção a partir das especializações produtivas com base no caso analisado. Para isso analisaremos o contexto das cidades locais com a emergência da globalização e as opções de inserção na rede urbana. Por fim, apontaremos uma expressão política única que surge nos pequenos municípios a partir da especialização produtiva baseada em pequenos produtores.

A expansão capitalista para as cidades locais

No período atual assim como nos anteriores, o modo de produção dominante coexiste com outros modos de produção. Da mesma maneira que temos a mais avançada produção capitalista, observamos a sobrevivência da produção de subsistência e da artesanal.

Alain Lipietz, em seu livro *O capital e seu espaço*, trata da articulação entre os modos de produção coexistentes tendo em vista a pequena agricultura mercantil. Acreditamos que muito dessa análise possa ser transposta a produção artesanal. Baseando-se em P. P. Rey¹², o autor fala que o modo de produção capitalista vai englobando os não especificamente capitalistas através de um processo de integração. Antes de entender esse processo, é preciso verificar do que se trata quando usamos os termos “modo de produção especificamente capitalista” e “não especificamente capitalista”.

Marx (2004) chama as relações não especificamente capitalistas de subsunção formal do trabalho no capital:

“É por oposição a esta última [subordinação real do trabalho no capital, ou seja, a produção especificamente capitalista] que denominamos *subsunção formal do trabalho no capital* à subordinação ao capital dum modo de trabalho tal como se tinha desenvolvido antes de ter surgido a relação capitalista. A relação capitalista, como relação coercitiva que visa extrair mais sobretrabalho mediante o prolongamento do tempo de trabalho (...) é comum a ambas as modalidades, porém o modo de produção especificamente capitalista conhece contudo outras maneiras de extorquir mais-valia. Com base num modo de trabalho preexistente (...) só se pode

12 REY, P.P. *Les alliances de classes*. Paris, Maspero, 1973.

produzir mais-valia recorrendo ao *prolongamento do tempo de trabalho*, quer dizer, sob a forma de mais-valia absoluta. A esta modalidade, como forma única de produzir mais-valia, corresponde pois a *subsunção formal de trabalho no capital*” (p. 89-90)

Ambas as relações de trabalho são capitalistas e engendram um modo de produção capitalista, tendo em vista a dominação do trabalho e exploração de mais-valia. Entretanto, na subsunção formal a manualidade tem relevância, com o controle do processo produtivo por parte do trabalhador. Isso se rompe com a introdução de técnicas avançadas na constituição da grande indústria, onde o processo produtivo é comandado pelas máquinas, caracterizando a subsunção real. Na subsunção formal, a mais-valia só pode ser extraída pela via da mais-valia absoluta, enquanto que na subsunção real é a mais-valia relativa que predomina.

Dessa forma, o modo de produção especificamente capitalista e o não especificamente capitalista na visão de Lipietz coexistem no tempo e no espaço, com o primeiro tendendo a se expandir e eliminar o segundo. Esse processo de articulação entre os modos se daria em três fases:

1. Rompimento da autossuficiência do circuito artesanal e da agricultura
2. Modo de produção capitalista passa a trocar mercadorias nos ramos onde ele não tem o domínio.
3. Imposição do método capitalista de produção, tendo em vista sua maior produtividade

A segunda fase, denominada pelo autor *articulação externa*, é o momento em que a troca desigual de mercadorias sugere um estado de dominação. O autor argumenta que o preço dos produtos vendidos pelos pequenos produtores se baseia apenas no preço de custo e não no de produção, tornando-os mais baratos, enquanto que as mercadorias que comprem dos capitalistas têm embutidas no seu preço o lucro, daí a caracterização da troca desigual. Esses baixos preços da pequena produção mercantil se baseiam no baixo nível de vida dos produtores e na extensão da jornada de trabalho.

A terceira fase seria a de *integração* ao capitalismo, com o capital financeiro comandando a produção. A concorrência entre os pequenos produtores leva-os a

investirem no aumento da produtividade (com compra de materiais industriais) e ao estabelecimento de contratos com indústrias compradoras, que passam a organizar o processo produtivo. Dessa maneira, a nova lógica passa a ser a extração da mais-valia relativa. A decisão de produzir não está mais no produtor individual, mas antes na grande indústria.

Ao ser integrada, a produção passa a ser especificamente capitalista. Em oposição, a produção não especificamente capitalista seria a pequena produção mercantil, caracterizada pela propriedade dos meios de produção e pela lógica da subsistência da família (*mercadoria - dinheiro - mercadoria 2*, ao contrário da lógica capitalista *dinheiro - mercadoria - dinheiro 2*).

Lipietz destaca que para integrar a pequena produção mercantil o capitalismo se associa a uma elite local. “(...) não há jamais pura 'dominação externa' pelo capital. O capital encontra sempre seu 'cavalo de Tróia' em um ramo, um modo de produção, uma zona que domina” (p.51-52). Na fase da articulação externa a personificação desse “cavalo de Tróia” seria a elite tradicional, enquanto que na de integração seria o pequeno patrão dinâmico.

A análise feita por Lipietz considera que a articulação dos modos de produção não especificamente capitalistas com o capitalista se dê como um processo. Já para Damiani (2006), são diferenças inerentes ao modo de produção que se manifestam no tempo e no espaço. Cada divisão social do trabalho engendra uma divisão territorial do trabalho. Assim, entre os dois modos não haveria apenas uma questão de tempo.

Assim como faz a autora, a teoria de Lipietz pode ser transposta para a análise dos papéis das cidades na rede urbana atual. As cidades locais seriam os lugares onde há menor concentração de elementos modernos, havendo predomínio da subsunção formal de trabalho no capital. Mas falar em predomínio é um tanto vago, podendo se tratar de volume de produção, de empregos ou de renda. Ainda, nas grandes metrópoles há uma grande massa de trabalhadores que não se alocam em produções especificamente capitalistas, assim como nas cidades locais pode existir industrialização do tipo moderna.

Por hora, fiquemos com esta ideia sobre as cidades locais. Isso implica em dizer que grande parte delas não se vincula a uma produção especificamente

capitalista, sendo, então, uma fronteira ao capital. Existem algumas formas da produção especificamente capitalista chegar nas pequenas cidades no contexto atual que não eram possíveis em períodos anteriores. Assim, iremos expor essas mudanças na rede urbana oriundas da globalização para depois retomar a análise.

Cidades locais na globalização

O aumento da conectividade, promovido pela aceleração dos fluxos materiais e imateriais ocorridos com a emergência do período técnico-científico informacional, abre a possibilidade para o aprofundamento da divisão territorial do trabalho. Assim, os escalões mais baixos da rede urbana entram potencialmente no cenário econômico. Esse potencial pode ser aproveitado pelos agentes capitalistas que agora têm meios de conhecer sistematicamente o território, o que Santos (2001) chama de cognoscibilidade do planeta. A unicidade das técnicas, o predomínio em nível global do modo de produção capitalista e os fenômenos da instantaneidade e simultaneidade fazem com que as virtualidades de cada lugar possam ser conhecidas e exploradas, modificando o esquema clássico da rede urbana. Nos dizeres de Santos (2008):

Houve um tempo em que se podia tratar a rede urbana como uma entidade, onde as cidades se relacionavam segundo uma hierarquia de tamanho e de funções. Esse tempo passou. Hoje, cada cidade é diferente de outra, não importa seu tamanho (...) (p.142)

As cidades locais que antes obtinham das cidades regionais os serviços e produtos que não estavam disponíveis em seu município, passam a poder se comunicar diretamente com os grandes centros metropolitanos, gerando um curto circuito no esquema clássico de hierarquia urbana (SANTOS, 2004).

É nesse contexto que as cidades locais viram cidades econômicas (SANTOS, 2008). Os espaços de produção passam a ser também espaços de consumo (SANTOS, 2005), rompendo a primeira fase da articulação entre os modos de produção vistas anteriormente.

Como já foi ressaltado, as cidades não podem ser analisadas como entes maciços. Existem dois circuitos de produção, distribuição e consumo que também são responsáveis pela organização do espaço em nível intra e interurbano. Dessa forma, vemos que o circuito inferior, que corresponderia a uma economia não

especificamente capitalista, estaria em todos os escalões da rede urbana com intensidade, volume e importância distinta. E, de maneira recíproca, o circuito superior, correspondente à economia especificamente capitalista, também está em toda a rede urbana.

Santos (2011) argumenta sobre a possibilidade de instalação e da importância de atividades modernas e tradicionais de acordo com os escalões da rede urbana. A proposta de divisão dos escalões da rede urbana de Santos (2004) é baseada na capacidade de organização do espaço das cidades. Assim, as metrópoles seriam grandes cidades responsáveis pela macro organização do território. O autor divide as metrópoles em completas, onde se encontrariam todos os tipos de demandas quanto ao consumo e produção, desde o circuito interior até o mais sofisticado consumo de elite; e incompletas, que necessitariam da completa para auxiliar no atendimento de algumas funções.

A cidade intermediária no período anterior à globalização era a cidade regional. Esta oferecia às cidades locais serviços que estas não possuíam. No período atual, tal papel muitas vezes é suprido pela metrópole, fazendo com que a cidade deixe de comandar uma região e passe a oferecer alguns serviços que não têm escala e periodicidade suficiente para se desenvolver nas cidades locais. Os serviços mais intensos em variáveis modernas são obtidos a partir das metrópoles. Os esquemas de configuração da rede urbana poderiam ser resumidos da seguinte forma:

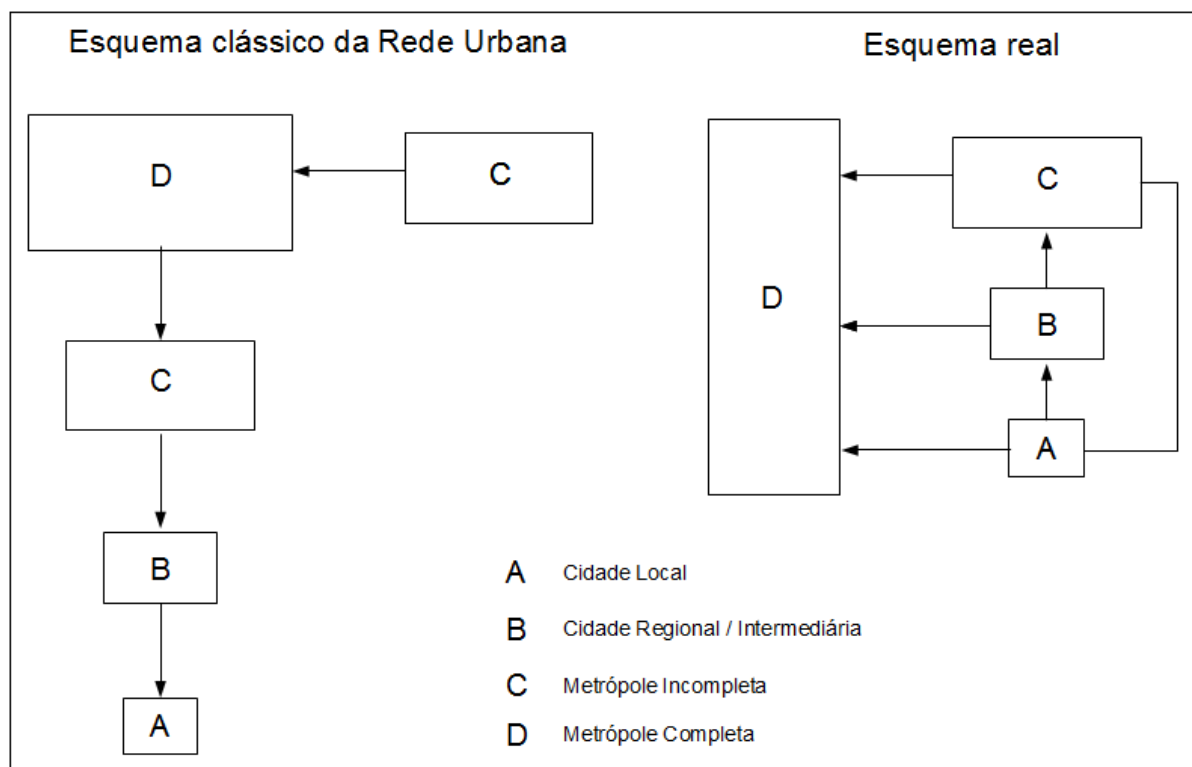


Figura 5. Esquemas clássico e atual da Rede Urbana. Fonte: adaptado de Santos (2004, p.289)

Nas cidades locais, o comércio não moderno é relativamente mais importante, tendo em vista que não se atingem as escalas mínimas necessárias à instalação dos serviços e comércios modernos (Santos, 2011). Sendo assim, a elite local consome em outros escalões da rede urbana. O circuito inferior substitui os serviços modernos para grande parte da população nessas cidades.

Se o circuito inferior é relativamente mais importante nas cidades locais, o seu volume é bem menor do que nas metrópoles. Nelas, a grande quantidade de pessoas que não têm acesso ao consumo moderno força a existência de um enorme contingente de atividades não modernas que, entretanto, tem pouco ou nenhuma influência na organização do espaço. Tal situação pode ser descrita no quadro abaixo.

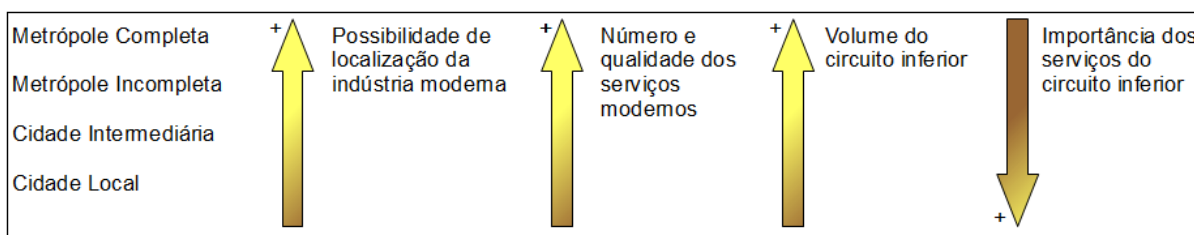


Figura 6. Instalação e importância das atividades segundo o escalão da rede urbana. Adaptado de Santos (2011)

Mesmo com a tendência das atividades modernas se instalarem conforme se eleva o nível urbano, existem possibilidades de geração de renda nas cidades locais, o que define o modo de inserção na rede urbana no atual período. Roberto Lobato Corrêa (1999) argumenta que as cidades locais tiveram duas estratégias predominantes de inserção refuncionalizada na rede urbana com as mudanças oriundas da globalização: a cidade como locus de regulação do campo e a especialização produtiva.

As cidades do campo, nos dizeres de Santos (2005 b), seriam os centros urbanos voltados para a manutenção das atividades agrícolas da hinterlândia. Encontramos vários exemplos dessas cidades nas áreas de expansão da fronteira agrícola, mas também em áreas agrícolas modernas consolidadas. No sul de Minas Gerais existem muitas cidades locais que dinamizam suas economias urbanas a partir da moderna agricultura do café, ou mesmo das culturas tradicionais do milho, feijão, batata, entre outras.

Já algumas cidades optam pela especialização produtiva a partir de novas atividades. Isso pode ser dar com a instalação de uma grande indústria no município ou com o desenvolvimento de um cluster. No âmbito de nossa pesquisa, iremos analisar com mais detalhes o segundo caso.

É preciso ressaltar que a tendência dos municípios pequenos, como aponta Moura (2009) é de baixo crescimento econômico. Assim, muitas cidades locais ficaram estagnadas, dependendo das transferências de recursos federais e estaduais para a dinamização da economia local.

Cidades locais com especialização produtivas

Como vimos, a economia urbana das cidades locais têm baixa produtividade se comparada a dos outros escalões da rede urbana. Em um período onde a informação é a variável que comanda a produção, cidades com baixa densidade informacional ficam à margem dos investimentos capitalistas, ou seja, o circuito superior nessas cidades é reduzido. É evidente que existem exceções, mas tal é o caso de grande parte das cidades locais.

Sendo assim, a especialização produtiva com base em pequenos produtores é uma das saídas para se gerar renda nessas cidades. Com a aglomeração de produtores é possível contrabalançar a falta de densidade em informação. Isso se dá através da circulação do saber local e também do aumento do volume de produção. O primeiro fator garante a transmissão do modo de se fazer o produto¹³, bem como de se comercializar e distribuir. Já o segundo fator permite a construção de infraestruturas, a negociação com fornecedores por melhores preços e condições de pagamento e a promoção de cursos e feiras. Para tanto é preciso que se alcance o poder político local, utilizando-se da estrutura pública para fortalecer a produção.

Entretanto, se especialização produtiva é um mecanismo de geração de renda é igualmente concentrador, favorecendo a emergência de uma elite econômica local que também é a elite política. Tal arranjo favorece a inserção no consumo moderno dessa pequena elite, que por conseguinte fica mais densa em informação e consegue estruturar melhor o arranjo.

É preciso lembrar que no caso estudado a aglomeração de produtores não é o único fator que sustenta a viabilidade da produção. A precarização do trabalho assume papel central, como se nota em grande parte do setor têxtil-vestuário. A maior parte dos produtores estariam na fase de articulação externa tal como nos apresenta Lipietz, onde a extração da mais-valia baseia-se sobretudo na mais-valia absoluta. Assim, o desrespeito às leis trabalhistas com jornadas muito extensas e locais de trabalho precários é flagrante e o poder público local, dominado pela elite produtora, não tem interesse em fiscalizar. É essa precarização que garante o lucro, tendo em vista a baixa produtividade da mão de obra local.

Nesse sentido, existem outras áreas onde a precarização é mais intensa,

¹³ É verdade que este saber fazer local não consegue muitas vezes absorver as variáveis modernas, mas, de qualquer forma, garante a circulação de informações necessárias à produção.

como a metrópole de São Paulo. Assim, pode ser que em um tempo não muito distante algumas das maiores malharias passem a ter o essencial de sua produção nessa cidade. Embora o circuito inferior tenha mais raízes no lugar que o superior, a realização de feiras e a instalação de lojas de malhas na capital paulista indicam que os empresários locais conhecem o território e buscam lugares mais apropriados a sua acumulação de capital. Evidentemente que estes são apenas os mais capitalizados, ou pertencentes a uma parcela superior do circuito inferior (cuja lógica do lucro já é evidente) ou ao superior marginal.

Uma mesma produção na metrópole de São Paulo seria muito mais lucrativa, tendo em vista o menor preço da mão de obra (que no setor têxtil/vestuário é muitas vezes submetida a condições análogas a da escravidão) e densidade de serviços de apoio. Em entrevistas pudemos verificar que algumas das maiores empresas já estudam a implantação de fábricas na China ou Paraguai seguindo a lógica de encontrar mão de obra mais precarizada e barata. À medida que os empresários locais vão se tornando densos em informação, passam a considerar a possibilidade de deslocar sua produção, o que pode enfraquecer a aglomeração de produtores e a base de geração de renda local.

Para o capitalismo como um todo é importante que se desenvolvam atividades produtivas onde antes não existiam. Nesse sentido, aprofundar a divisão territorial do trabalho com o desenvolvimento de especializações produtivas em cidades locais é relevante. Todavia, o surgimento de uma elite produtora local associada a entrada de uma economia especificamente capitalista pode fazer com que a parte mais moderna da produção não se dê na cidade local.

O caso estudado aponta que as grandes empresas capitalistas ganham de três formas com a formação de especializações produtivas urbanas em cidades pequenas: com o consumo da elite local (mesmo que seja em outros escalões da rede urbana), com a venda dos artefatos produzidos (muitas vezes os intermediários ou contratantes são grandes empresas) e com a venda de equipamentos e serviços. Com a implantação de métodos capitalistas na produção, pode-se ainda criar empresas de médio porte, como observamos em Jacutinga e Monte Sião.

Tendo em vista o fato de aumentar a geração de renda, algumas análises

criam uma atmosfera de que a escala local seja a privilegiada do desenvolvimento e que este, tal como é dominantemente entendido seja necessariamente benéfico e deva ser estimulado sem uma análise crítica. É indiscutível que a instalação de atividades econômicas onde só havia subsistência insira a população no consumo e melhore as condições de vida. Entretanto, é preciso criar mecanismos que diminuam as desigualdades de renda. No caso estudado o poder público e as associações comerciais agravam a disparidade de poder entre as malharias.

Além da precarização do trabalho e da desigualdade de renda, as cidades analisadas são vulneráveis. Qualquer elemento local ou de outras escalas que interfira na produção ou comércio gera uma crise na cidade. O desenvolvimento local não pode ser entendido isolado dos movimentos da formação-socio-espacial e do mundo. O lugar é o encontro das verticalidades e horizontalidades e, dessa forma, devemos pensar em soluções para a geração de renda em cidade locais que levem isso em conta. Da mesma maneira, não é possível conceber um verdadeiro desenvolvimento local baseado na precarização do trabalho ou na desigualdade de renda.

No caso analisado, uma possível solução para os problemas da precarização do trabalho e da vulnerabilidade é a diversificação das atividades. O estímulo a outras modalidades de turismo bem como a acolhida dos turistas na cidade, da mesma forma que a atração de outros tipos de indústria ou ainda o fomento da produção de porcelanas podem ajudar os cidadãos a terem opções de empregos. Nota-se que muitos dos produtores mais precarizados se tornam produtores pois alegam que seja a única maneira de conseguir ganhar dinheiro nas cidades.

Cidades locais e atividades tradicionais

Ao longo desse capítulo expusemos que nas cidades locais as atividades pouco modernas predominavam, mas não especificamos o que isso quer dizer. Santos (2004, 2011) aponta que nelas o circuito inferior é mais importante na economia urbana, embora o seu volume seja bem menor que nas metrópoles.

Talvez a forma de predomínio mais importante seja a do número de pessoas da cidade que dependem das atividades pouco modernas simultaneamente ao

volume proporcional de renda gerado. Nas cidades analisadas, praticamente toda a população vive em função das malhas e boa parte delas produzem, distribuem e vendem os produtos como uma atividade não especificamente capitalista, gerando boa parte da renda das cidades.

Em contraste, como já foi ressaltado, nas metrópoles grande contingente também depende do circuito inferior, mas a renda essencial é obtida a partir das grandes indústrias e dos serviços modernos.

Essa conjugação do grande volume de pessoas ocupadas, somada ao essencial da renda ser gerado no circuito inferior das cidades de Jacutinga e Monte Sião, são condições que levam esses agentes a ter influência no poder público local. A elite local é formada pela parcela superior do circuito inferior e pelos donos das empresas do circuito superior marginal. Sendo assim, podemos dizer que uma boa parte do poder político nessas cidades é exercida por agentes ligados a produção não especificamente capitalista, fato que seria inconcebível nos outros escalões da rede urbana.

Dessa forma, uma hipótese a se pensar sobre as cidades locais pode ser a de interpretá-las como os únicos lugares onde agentes que baseiam sua produção na subsunção formal do trabalho no capital podem chegar ao poder político, ou seja, constituir-se em elite local. Evidente que isso não pode ser dito como regra para todas as cidades locais, mas talvez seja um importante elemento para a análise em cidades que não possuem atividades do circuito superior propriamente dito.

Tal hipótese foi elaborada a partir do estudo de uma especialização produtiva em cidades locais e, por isso, deve ser melhor verificada a partir de outras análises de cidades locais com especializações baseadas em pequenos produtores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve o objetivo de analisar a especialização produtiva em duas cidades locais, entendendo a maneira como os agentes de diversos tamanhos usam o território tanto na escala intra urbana como na interurbana.

A especialização se desenvolveu no contexto de transição do meio técnico para o técnico-científico e fortaleceu os vínculos regionais com Campinas e São Paulo, que já se consolidavam como metrópoles. Essa proximidade com o polo dinâmico do país foi determinante para a emergência da produção de malhas, tendo em vista o grande mercado consumidor que as metrópoles representavam pela via dos fluxos turísticos. A proximidade também fazia com que as infraestruturas chegassem rapidamente às cidades de Jacutinga e Monte Sião. Com isso, da mesma maneira que em outros períodos, as cidades sul mineiras se beneficiavam perifericamente da proximidade com São Paulo.

É igualmente importante destacar a campanha de venda de máquinas para a consolidação da especialização produtiva. Isso demonstra a importância das variáveis externas nesse processo. Também indica o nível de conhecimento do território que os agentes do circuito superior dispõem, evidenciando sua capacidade de macro organização do espaço. Neste caso, as empresas favoreceram a emergência de uma especialização produtiva onde anteriormente as atividades estavam mais relacionadas à reprodução da vida, inserindo as cidades na economia urbana capitalista num contexto de revolução do consumo.

A produção de malhas retilíneas tem como principais características a sazonalidade das vendas, o baixo preço das máquinas e baixo volume de produção se comparado a outros ramos da cadeia têxtil confecções. Esses elementos tornam o segmento pouco atrativo para o grande capital (ao menos na etapa da fabricação) ao mesmo tempo em que empresários com pouco capital conseguem criar uma produção, fazendo com que a fabricação seja realizada por pequenos produtores. Podemos dizer, pois, que esse segmento não está plenamente integrado pelo modo de produção capitalista, estando na fase de articulação externa de acordo com o esquema proposto por Lipietz.

Sendo realizadas por atores não hegemônicos, a produção perde em

intensidade de informação. Os agentes do circuito superior conseguem agregar os elementos modernos seja na elaboração, seja na fabricação ou ainda nas formas de comércio dos produtos. Já os pequenos produtores não têm níveis de capital, tecnologia e organizacionais para a incorporação.

Tendo em vista as características específicas do segmento, a produção de malhas pesadas pode ser realizada tanto em grandes cidades quanto em uma cidade local, que não têm grande densidade informacional. Nas cidades analisadas a produção se dá na forma de um arranjo de produtores que domina a economia urbana. Assim, têm maior raio de ação junto a fornecedores, poder público e consumidores.

Não podemos, entretanto, fetichizar a força da especialização produtiva como vetor do desenvolvimento local. Se é verdade que a produção gerou renda para as cidades e uma boa condição de vida para a maioria de seus habitantes, é preciso verificar também que ela provocou uma disparidade de renda.

Essa desigualdade pode ser percebida com os três níveis de produtores que enunciamos ao longo do texto. O primeiro seria o produtor mais precarizado, que tem o local de produção em sua residência, utiliza-se de mão de obra familiar, possui pouco capital e seu objetivo de produção é a manutenção da vida. O segundo seria mais capitalizado, contando com um pequeno galpão para a produção, relações salariais de trabalho e que visa o lucro associado a reprodução da vida. O terceiro seriam as maiores malharias, que produzem em grande galpões, com maquinário mais moderno e estrutura organizacional desenvolvida.

A esses três níveis de agentes correspondem três capacidades distintas de organização do espaço. O primeiro nível conta com um grande número de produtores e comerciantes e se articula mais com a venda de produtos no varejo ou pequeno atacado, constituindo grande parte dos locais de comércio dos centros das cidades. O segundo nível consegue engendrar relações espaciais mais complexas, absorvendo no produto informações modernas vindas de locais distantes através dos estilistas e das máquinas modernas. Também tem um grau de influência considerável no poder público local, podendo influenciar na construção de infraestruturas e regulações que possam ajudar no seu desenvolvimento. O terceiro realiza um circuito espacial produtivo muito mais amplo, com relações com o

exterior mais complexas, seja através da importação de máquinas e da elaboração do produto, seja pela exportação da mercadoria acabada. Da mesma forma, dominam as prefeituras locais e influenciam a construção de um sistema de objetos e ações que maximizem seus lucros. No entanto, nenhum desses agentes conseguem obter uma escala de influência política em âmbito estadual e federal.

A relação entre esses agentes é ora de solidariedade, ora de dominação. Se o essencial da influência das cidades é realizada pelo circuito inferior, sua parcela mais capitalizada juntamente com atores do circuito superior marginal, são os que ganham maiores lucros e os que conseguem representação política em nível local. Esse fato somado às relações de subcontratação de pequenas malharias pelas grandes evidenciam o aspecto da dominação.

A solidariedade pode ser representada pela comunhão de interesses de desenvolver o turismo de compras. A criação de infraestruturas turísticas, assim como a divulgação da especialização produtiva são alguns casos nos quais agentes de todos os níveis convergem.

Além da desigualdade de renda entre os agentes, observamos uma diferença no circuito espacial produtivo de Jacutinga para Monte Sião. Nesta as compras a varejo e pequeno atacado somam volumes muito mais expressivos que naquela, muito em função do fluxo turístico associado ao Circuito das Águas Paulista e também a infraestrutura viária que dificulta a chegada a Jacutinga. Essa distinção faz com que o espaço urbano seja produzido de maneira diversa, com um número muito maior de pequenos locais de comércio em Monte Sião e uma dependência um pouco menor das atividades de malharia por parte de Jacutinga.

O arranjo produtivo, como já visto, está na fase de articulação externa, quando a mais-valia se efetiva pela via absoluta, ou seja, da exploração da jornada de trabalho. Isso gera uma precarização do trabalho nas cidades estudadas. Apenas as malharias do circuito superior marginal podem ser consideradas efetivamente integradas ao modo de produção capitalista. Dessa forma, podemos afirmar que a precarização do trabalho é a sustentação da especialização produtiva das malhas.

Outro fato interessante é observar que muitos donos de malharias cuja produção não é especificamente capitalista conseguem ter influência no poder público municipal, algo que só acontece nas cidades locais. Talvez esse seja um

elemento importante para entendermos a produção do espaço nesse escalão da rede urbana, tal como o estudo verifica para as cidades de Monte Sião e Jacutinga.

Podemos, por fim, destacar a vulnerabilidade a crises conjunturais do segmento de malhas retilíneas, provocados tanto por anos cujas temperaturas altas enfraquecem as vendas, quanto por crises econômicas. Este fato já foi ressaltado por Fuini (2007) e merece atenção. A especialização unívoca na produção de malhas pode garantir um bom padrão de vida para grande parte da população, entretanto outros circuitos espaciais produtivos deveriam ser estimulados. A produção de porcelanas azuis (que possui uma pequena fábrica na área central) pode ser uma das saídas.

Outro esforço interessante seria a tentativa de desenvolver um setor hoteleiro de melhor qualidade e mais amplo, com fins de manter o turista na cidade. Ampliar outros setores, como o turismo de aventura, ou mesmo desvinculado de atividades turísticas também poderia tornar a cidade menos vulnerável. Os pequenos produtores e os empregados são os que mais perdem com as crises.

É preciso ter em mente que a cidade é uma totalidade que funciona com subsistemas indissociáveis mas distintos. Os diferentes níveis de capital e de influência com o poder público local não podem ser um elemento que reforça a desigualdade dentro dos municípios. Deve-se lutar contra formas de precarização do trabalho (como as extensas jornadas e as péssimas condições de trabalho em muitas empresas) e também criar instrumentos para que as informações circulem de maneira mais homogênea entre os produtores.

Nesse sentido, romper com a precedência da circulação de informações nas associações comerciais seria um avanço. As prefeituras poderiam organizar com mais frequência cursos abertos de formação de mão de obra, assim como o IFET de Inconfidentes, município também pertencente ao Circuito das Malhas, poderia oferecer cursos e treinamentos para o setor.

Pelo exposto, podemos afirmar que embora a especialização gere renda para as cidades analisadas, não podemos conceber que isso signifique um verdadeiro desenvolvimento. As desigualdades de renda, a precarização do trabalho e a vulnerabilidade dos municípios são desafios que não podem ser negligenciados.

BIBLIOGRAFIA

ARROYO, M. A economia invisível dos pequenos. **Le Monde Diplomatique Brasil**. Disponível em:

<http://diplomatique.uol.com.br/artigo.php?id=283&PHPSESSID=2992afb2cd65c8594faad2ff286459fc> Acessado em: 19/12/2010. 2008.

BARRIOS, S. Dinámica Social y Espacio. **CENDES**. Universidad de Venezuela. Caracas. 1976.

BORIN, P. Divisão interurbana do trabalho e uso do território nos municípios de Águas de Lindóia (SP), Lindóia (SP), Serra Negra (SP), Socorro (SP) e Monte Sião (MG). 128 f. Dissertação (Mestrado em Geografia), 2003. USP, São Paulo.

BRUNO, F. S. & MALDONADO, L.M.O. O futuro da indústria têxtil e de confecções: vestuário de malha. MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO DA INDÚSTRIA E COMÉRCIO EXTERIOR. Brasília: 2005.

CASTILLO, R.A., FREDERICO, S. Espaço geográfico, produção e movimento: uma reflexão sobre o conceito de circuito espacial produtivo. **Sociedade e Natureza**. Uberlândia, v.22 n.3, p.461-474, dez 2010.

COSTA, A.C.R. Da, ROCHA, E.R.P. Da Panorama da cadeia produtiva têxtil e de confecções e a questão da inovação. **BNDES Setorial**. v.29. 2009. p.159-202.

DAMIANI, A. L. Cidades Médias e pequenas no processo de globalização. Apontamentos bibliográficos. In: LEMOS, A.I.G., ARROYO, M., SILVEIRA, M.L. (orgs) **América Latina: cidade, campo e turismo**. São Paulo: CLACSO - Conselho Latino-americano de Ciências Sociais. Dez 2006. p.135-147.

FRESCA, T.M. Centros locais e pequenas cidades: diferenças necessárias. **Mercator - Revista de Geografia da UFC**. vol.9 n.20. Set-dez 2010. p.75-81.

FRIEDMANN, G. **Sete Estudos Sobre o Homem e a Técnica**. Difusão Européia do Livro: São Paulo, 1968.

FUINI, L. L. **A Relação Entre Competitividade e Território no Circuito das Malhas do Sul de Minas Gerais**. Dissertação de Mestrado, 2007 .Unesp: Rio Claro

_____. A governança territorial no Circuito das Malhas do Sul de Minas Gerais. **Interações**, Campo Grande, v.9, n.2, p.141-148, jul/dez 2008.

_____. **Manifestação da governança territorial no Brasil: uma análise do "Circuito das Águas Paulista" e do "Circuito das Malhas do Sul de Minas Gerais"**. Tese: Doutorado, 2010. Unesp: Rio Claro.

GORINI, A.P.F.; MARTINS, R.F. Novas tecnologias e organização do trabalho no setor têxtil. **BNDES Setorial**. Dez 1998.

HERING. Demonstrações Financeiras. 2011 Disponível em: <http://www.b2i.cc/Document/1502/CiaHering311211DF.PDF>

HARVEY, D. 1998. **Condição pós-moderna**. São Paulo, SP: Loyola. 7A Edição.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 2010. IBGE Cidades. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1> Acessado em: 17/06/2012

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Enciclopédia dos Municípios Brasileiros**. Vol. VIII. 1959.

LIPIETZ, A. **O Capital e seu espaço**. São Paulo: Livraria Nobel. 1987.

LUCLKTENBERG, I.M.B. 2002. O Processo de formação e reestruturação da cadeia produtiva têxtil do Vale do Itajaí/SC - Algumas considerações - o caso da Hering. **Formação**. v.1 n.9. 2002. p.131-149.

MARX, K. **O Capital** - Capítulo VI inédito: resultados do processo de produção imediata. São Paulo: Centauro. 2ª edição. 2004.

MILLS, C.W. **A Elite do Poder**. Rio de Janeiro: Zahar Editores. 1968.

MONTENEGRO, M. R. El mercado de trabajo brasileño: nuevos y viejos procesos y la expansión del circuito inferior. **Cuadernos de geografia**, v. 1, p. 27-37, 2007. .

_____. O circuito inferior central na cidade de São Paulo em sua relação com a densidade de fluxos e com o meio construído. **Revista Mercator**, v. 8, p. 37-48, 2009.

_____. O circuito inferior no centro de São Paulo frente às dinâmicas da globalização e ao uso corporativo do território. **Revista Tamoios**, v. ano IV, p. 29-41, 2010.

MOURA. R. Qual o papel dos pequenos municípios na escala local do desenvolvimento? In: ENDLICH, A.M. & ROCHA, M. M. (orgs.) **Pequenas cidades e desenvolvimento local**. Maringa: PGE. 2009.

REVISTA ATUALIDADES. Poços de Caldas: Editora Artpubli Comunicação. Ano 1. Edição 4. 2012.

ROMERO et al. Malharias. **BNDES Setorial**. v.1. 1995.

SEVEGNANI, F., SACOMANO, J.B. A estratégia de manufatura do setor de malharia retilínea pela análise do processo produtivo - o cluster do circuito das malhas. **IV**

Congresso Nacional de Excelência em Gestão. Niterói. 2008.

SILVA, S. C. Os dois Circuito espacial produtivo das confecções e exploração do trabalho na Metrópole de São Paulo. **Circuitos da economia urbana nos bairros do Brás e Bom Retiro (SP)**. Tese de Doutorado. 2012. UNICAMP.

SILVEIRA, M. L. Finanças, consumo e circuitos da economia urbana na cidade de São Paulo. **Cadernos CRH**, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009, vol. 22, n. 55, pp. 65-76.
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010349792009000100004&lng=es&nrm=iso

_____. Modernizações territoriais e circuitos da economia urbana no Brasil. **Anais: XIV ENANPUR**. 2011: Rio de Janeiro.

SIQUEIRA, M., ROSA, E.B., OLIVEIRA, A.F., Medindo o desempenho das pequenas indústrias de malhas: um estudo de caso. **Economia e Gestão**, Belo Horizonte. v.3 n.6 p.109-127, dez 2003.

SANTOS, M., . Circuitos espaciais da produção: um comentário. In: SOUZA, M. A., SANTOS, M. (Orgs.) **A construção do Espaço**. São Paulo: Ed. Nobel 1986.

_____. **Por uma outra globalização** - do pensamento único à consciência universal. São Paulo: Record. 2000.

_____. **A Natureza do Espaço**. Técnica e Tempo. Razão e Emoção. Edusp: São Paulo. 4ª Edição, 5ª Reimpressão. 2002 [1996].

_____. **O espaço dividido**. São Paulo: Edusp. 2ª edição. 2004 [1979].

_____. As cidades locais no Terceiro Mundo: o caso da América Latina. In: SANTOS, M. **Da Totalidade ao Lugar**. São Paulo: Edusp. 1ª Ed. 2005 a.

_____. **A Urbanização Brasileira**. São Paulo: Edusp. 5ª Ed. 2005 b [1993].

_____. Meio técnico-científico-informacional e urbanização no Brasil. In: SANTOS, M. **Técnica, Espaço, Tempo**. São Paulo: Edusp. 5ª Edição. 2008 [1994].

_____. Uma revisão da Teoria dos Lugares Centrais. In: SANTOS, M. **Economia Espacial: críticas e alternativas**. São Paulo: Edusp. 2ª Edição. 2011 [1979].

SANTOS, M. & SILVEIRA, M. L. **O Brasil, território e sociedade no início do século XXI**. Rio de Janeiro & São Paulo: Ed. Record. 2001

SOUZA, G. **Apostila de materiais e processos têxteis**. Segunda edição. Disponível em: <https://wiki.ifsc.edu.br/mediawiki/images/3/3e/MPTEX2.pdf>. Acessado em: 02/05/2012.

Sites consultados

ACIJA - ASSOCIAÇÃO COMERCIAL INDUSTRIAL AGROPECUÁRIA DE JACUTINGA. Disponível em: <http://www.jacutinga.org.br>

ACIMS - ASSOCIAÇÃO COMERCIAL E INDUSTRIAL DE MONTE SIÃO. Disponível em: <http://www.acims.com.br/> . Acessado em: 07/05/2012

CIRCUITO TURÍSTICO DAS MALHAS DO SUL DE MINAS GERAIS - Disponível em: <http://www.circuitoturisticodasmalhas.com.br/> Acessado em: 19/06/2012.

CREDMALHAS - SICOOB Credmalhas. Disponível em: <http://credmalhas.com.br>. Acessado em: 10/06/2012.

G1 - Site de notícias. Festmalhas de Jacutinga deve movimentar R\$ 12 milhões. Disponível em: <http://g1.globo.com/mg/sul-de-minas/noticia/2012/05/fest-malhas-de-jacutinga-deve-movimentar-r-12-milhoes.html> Acessado em: 30/09/2012.

HERING - Sítio da empresa. Disponível em: <http://www.ciahering.com.br>. Acessado em: 05/05/2012

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. 2010. IBGE Cidades. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1> Acessado em: 17/06/2012

PREFEITURA MUNICIPAL DE MONTE SIÃO - Disponível em <http://www.montesiao.mg.gov.br/component/content/article/79-turismo-e-cultura/697-a-feira-do-trico-de-monte-siao-tambem-counta-com-um-desfile-onde-modelos-exibem-as-novidades.html> Acessado em: 10/06/2012.